

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIDADES INTELIGENTES E
SUSTENTÁVEIS**

AMANDA MELCHERT DA SILVEIRA DE OLIVEIRA

**A INOVAÇÃO SOCIAL E AS MOTIVAÇÕES DE VOLUNTÁRIOS, NA CIDADE DE
JOINVILLE/SC, DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

São Paulo
2023

AMANDA MELCHERT DA SILVEIRA DE OLIVEIRA

**A INOVAÇÃO SOCIAL E AS MOTIVAÇÕES DE VOLUNTÁRIOS, NA CIDADE DE
JOINVILLE/SC, DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação em Cidades Inteligentes e Sustentáveis da Universidade Nove de Julho - UNINOVE, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Aluna: Amanda Melchert da Silveira de Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Antonio Pires Barbosa

SÃO PAULO
2023

“A INOVAÇÃO SOCIAL E AS MOTIVAÇÕES DE VOLUNTÁRIOS, NA CIDADE DE JOINVILLE/SC, DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19”

Por

Amanda Melchert da Silveira de Oliveira

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação em Cidades Inteligentes e Sustentáveis da Universidade Nove de Julho - UNINOVE, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Cidades Inteligentes e Sustentáveis, sendo a banca examinadora formada por:

Prof. Dra. Natasha Dejigov Monteiro da Silva - Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo - USP

Prof. Dr. Antonio Pires Barbosa - Universidade Nove de Julho - UNINOVE

Profa. Dra. Alessandra Cristina Guedes Pellini - Universidade Nove de Julho - UNINOVE

Profa. Dra. Lara Jansiski Mottai - Universidade Nove de Julho - UNINOVE

São Paulo, 13 de novembro de 2023

Oliveira, Amanda Melchert da Silveira de.

A inovação social e as motivações de voluntários, na cidade de Joinville/SC, durante a pandemia de Covid-19. / Amanda Melchert da Silveira de Oliveira. 2023.

105 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2023.

Orientador (a): Prof. Dr. Antonio Pires Barbosa.

1. Inovação social. 2. Voluntariado. 3. Motivações. 4. Pandemia. 5. Covid-19.

I. Barbosa, Antonio Pires. II. Título.

CDU 711.4

Para a pessoa que me ensinou tudo, especialmente a continuar a nadar:
Paulo César
meu pai.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo ao Programa de Cidades Inteligentes e Sustentáveis - PGG-Cis - da Universidade Nove de Junho, pela oportunidade de ser mestranda mesmo à distância. Ao professor e orientador, Prof. Dr. Antonio Pires, que com tanta paciência e sabedoria me conduziu na realização desta pesquisa.

Aos participantes do projeto Agenda Saúde, que organizaram a vacinação da cidade mais populosa de Santa Catarina e toparam compartilhar a experiência comigo.

O poeta Emicida diz que “quem tem um amigo tem tudo”, aproveito para agradecer aos meus, que nos bastidores fazem tanto:

Aos meus três pilares: meu companheiro de vida, incentivador e revisor: Iohann, te amo por muitos infinitos em muitos universos. Meu maior apoio e minha base de vida, Paulo César - meu pai - que está comigo desde sempre e para sempre. A minha maior inspiração para acreditar nas pessoas e ter esperanças por dias mais divertidos: Celine, minha irmã.

Aos que vieram antes e construíram tanto, meus avós: Paulo Catarina, Delahyr Adelia e Valkiyria Melchert, que me fizeram ser quem sou. E para minhas tias que por vezes também são mães: Adriane de Oliveira e Fabiana Melchert.

Aos meus amigos que estão e sempre estarão: Alice Ferreira, Alexandre Streit, Bobby, Claudia Stelter, Deusa Marcon (o ombro amigo que encontrei no mestrado), Felipe Segui, Felipe Silveira, Fran Antunes, Gabriel Cabral, Gabriel Nunes, Giovanna Sponchiado, Maria Eduarda Machado, Paula Gabriel, Paulo Henrique, Re Tomasi, Sâmia Luiza e Vanessa Kister.

Aos amigos que tive a sorte de conhecer no mundo corporativo e se tornaram diários: Debora Paes, Kauê Carvalho e Sarah Caixeta.

E aos trabalhos voluntários que participo, Fab Lab Joinville e Sh*ft Festival - afinal, quem divide o que tem é quem vive pra sempre.

Quem tem um amigo tem tudo, obrigada!

“O inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoal implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes.”

Valter Hugo

RESUMO

Existem desafios sociais que nem a esfera pública nem a privada são capazes de resolver isoladamente, nesses contextos a inovação social aparece enquanto possibilidade. A partir de um espaço de experimentação para novas soluções, os projetos de inovação social podem ser desenvolvidos por múltiplos atores e com foco na melhoria do bem-estar social, dentre eles destaca-se a participação de voluntários. Dentro deste contexto, manter voluntários motivados colabora com a intenção de permanecerem no desenvolvimento de projetos. **Objetivo:** compreender as motivações de voluntários para desenvolverem projetos de inovação social durante a pandemia de Covid-19, em Joinville/SC. **Método:** Através de uma abordagem quali-quantitativa, com a utilização do Inventário de Funções do Voluntário e entrevista semi-estruturada com 16 voluntários que participaram do projeto Agenda Saúde, desenvolvido pelo Fab Lab Joinville para a Prefeitura de Joinville, na solução do agendamento de Covid-19. **Conclusão:** A realização deste estudo contribuiu para entender que as principais motivações para esse grupo de voluntários encontra-se nas dimensões de Social/Engrandecimento e Valores/Entendimento, bem como demonstrar que a pandemia teve um forte impacto na decisão da participação desse projeto.

Palavras-chave: Inovação Social. Voluntariado. Motivações. Pandemia. Covid-19.

ABSTRACT

There are social challenges that neither the public nor the private sphere can solve independently; in these contexts, social innovation emerges as a possibility. From a space of experimentation for new solutions, social innovation projects can be developed by multiple actors with a focus on improving social well-being, and among them, the participation of volunteers stands out. Within this context, keeping volunteers motivated contributes to the intention of their continued involvement in project development. Objective: To understand the motivations of volunteers to develop social innovation projects during the Covid-19 pandemic in Joinville/SC. Method: Through a qualitative-quantitative approach, using the Volunteer Functions Inventory and semi-structured interviews with 16 volunteers who participated in the Agenda Saúde project, developed by Fab Lab Joinville for the Joinville City Hall, addressing Covid-19 scheduling solutions. Conclusion: This study contributed to understanding that the main motivations for this group of volunteers lie in the dimensions of Social/Enrichment and Values/Understanding. It also demonstrates that the pandemic had a significant impact on the decision to participate in this project.

Keywords: Social Innovation. Volunteering. Motivations. Pandemic. Covid-19.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	10
LISTA DE FIGURAS	11
LISTA DE TABELAS	12
LISTA DE SIGLAS	13
1 INTRODUÇÃO	8
1.1 OBJETIVOS.....	11
1.1.1 Objetivo Geral.....	11
1.1.2 Objetivos Específicos.....	11
1.2 JUSTIFICATIVA.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 INOVAÇÃO SOCIAL.....	13
2.2 CIDADES INTELIGENTES.....	20
2.3 VOLUNTARIADO.....	22
2.3.1 História do Voluntariado no Brasil e o Novo Voluntário.....	24
2.3.2 Perfil dos voluntários no Brasil e no mundo.....	27
3. MÉTODOS	30
3.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	30
3.2 ESTUDO DE CASO.....	34
3.2.1 Joinville: a construção de uma cidade inteligente.....	34
3.2.1 Fab Lab e inovação social no contexto da Covid-19.....	39
4. RESULTADO	45
4.1 PERFIL DOS VOLUNTÁRIOS DO FAB LAB JOINVILLE.....	45
4.2 MOTIVAÇÕES DOS VOLUNTÁRIOS DO FAB LAB.....	53
4.2.1 Contexto de inserção no voluntariado.....	53
4.2.2 Voluntariado na pandemia.....	59
4.3 MOTIVAÇÕES DOS VOLUNTÁRIOS DO AGENDA SAÚDE A PARTIR DO INVENTÁRIO DE FATORES VOLUNTÁRIOS.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	85
ANEXOS	93

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dimensões da inovação social	21
Figura 2 - Dimensões em relação ao inventário original e brasileiro	35
Figura 3 - Classificação das Fundações privadas e associações sem fins lucrativos de Joinville	40
Figura 4 - Classificação das Entidades sem fins lucrativos de Joinville	41
Figura 5 - Imagens do projeto Archeotech	44
Figura 6 - Exemplo de face shield produzido pelo Fab Lab Joinville	45
Figura 7 - Visão das telas do programa Agenda Saúde Joinville	46
Figura 8 - Visão do Painel de Informações do Agenda Saúde	47
Figura 9 - Gráfico do gênero dos participantes do Projeto Agenda Saúde	49
Figura 10 - Gráfico das faixas etárias dos participantes do Projeto Agenda Saúde	49
Figura 11 - Gráfico da escolaridade dos participantes do Projeto Agenda Saúde	50
Figura 12 - Gráfico da religião dos participantes do Projeto Agenda Saúde	51
Figura 13 - Gráfico dos participantes do Agenda Saúde que são pais	52
Figura 14 - Gráfico do setor de trabalho dos participantes do Projeto Agenda Saúde	52
Figura 15 - Gráfico do cargo dos participantes do Projeto Agenda Saúde	53
Figura 16 - Gráfico da renda familiar dos participantes do Projeto Agenda Saúde	53
Figura 17 - Gráfico da quantidade de horas de trabalho voluntário por semana dos participantes do Projeto Agenda Saúde	54
Figura 18 - Gráfico do histórico de trabalho voluntário dos participantes do Projeto Agenda Saúde	54
Figura 19 - Boxplot Mediana - Dimensão Social/Engrandecimento	68
Figura 20 - Boxplot Mediana - Dimensão Valores/Entendimento	74
Figura 21 - Boxplot Mediana - Dimensão Carreira	78
Figura 22 - Boxplot Mediana - Dimensão Proteção	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência relativa de itens da Dimensão Social/Engrandecimento	66
Tabela 2 - Frequência relativa de itens da Dimensão Valores/Entendimento	71
Tabela 3 - Frequência relativa de itens da Dimensão Carreira	76
Tabela 4 - Frequência relativa de itens da Dimensão Proteção	80
Tabela 5 - Frequência relativa de todos os níveis	83
Tabela 6 - Motivações que mais levaram os entrevistados do Agenda Saúde a participarem de um projeto de inovação social	84

LISTA DE SIGLAS

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
COMCITI - Conselho Municipal da Ciência, Tecnologia e Inovação de Joinville
CRISES - Centro de Investigação em Inovações Sociais da Universidade de Quebec
IAV - Internation Association for Volunteer
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IDIS - Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social
IFV - Inventário de Fatores Voluntários
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LBA - Legião Brasileira de Assistência
OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONU - Organização das Nações Unidas
ONU-HABITAT - Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos
OSC - Organizações da Sociedade Civil
OSCIP - Organizações da Sociedade Civil e Interesse Público
SEPUD - Secretaria do Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável
TIC - Tecnologia de Informação e Comunicação
UDESC - Universidade Estadual de Santa Catarina
UNV - Programa de Voluntários das Nações Unidas
WWF - Fundo Mundial para a Natureza

1 INTRODUÇÃO

O século XXI foi marcado por diversas crises, desde ambientais, econômicas, geopolíticas, sociais e sanitárias. Em 2020 enfrentou uma crise sanitária, com a pandemia de Covid-19, que deixou mais de 700 mil brasileiros mortos em decorrência direta e trouxe o agravamento da desigualdade social. Como exemplo, a população que foi rebaixada para a extrema pobreza alcançava o número de 86 milhões (Oxfam Brasil, 2022), somou-se o aumento da evasão escolar em 171% no ano seguinte (Puente, 2021).

Ao lidar com crises de tal envergadura, torna-se crucial não idealizá-las, mas identificar oportunidades que permitam a reconfiguração de estruturas sociais estabelecidas. Uma dessas perspectivas é a criação de novos modos de interação entre os agentes (Andion, 2020).

Tendo este contexto de crise em vista, onde nem o Estado e nem o poder privado são capazes de resolver todas as dificuldades geradas, a inovação social torna-se uma possibilidade, para alguns desafios, nessas circunstâncias. Por ser um espaço de experimentação para novas soluções, os projetos de inovação social podem ser desenvolvidos de maneira conjunta com o poder público sem a necessidade de dispor de recursos materiais ou humanos públicos.

A inovação social é um campo de estudo emergente, com maior desenvolvimento a partir dos anos 90, que busca soluções para as necessidades sociais. Foi somente em 2018 que a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) tornou a inovação social reconhecida. Até 2018 as áreas de inovação reconhecidas eram: produtos, processo, marketing e organização.

Não há uma concordância geral sobre o conceito de inovação social, mas para ingressar no tema, compreende-se como uma resposta prática e ativa para problemas sociais, desenvolvida por diferentes atores e com objetivo de melhorar o bem-estar social (Andion, 2020; Bataglin et al., 2020; Bignetti, 2011; Rocha et al., 2019).

Em relação aos diferentes atores sociais (pessoas físicas, sociedade civil organizada, academia, entes privados e públicos), muitos deles participam de processos inovadores de maneira voluntária (Correia et al., 2018). Os voluntários

fazem a doação do seu tempo, conhecimento, serviço e/ou experiência de forma facultativa, sem qualquer tipo de remuneração. Diversos projetos e iniciativas são desenvolvidos através desse formato de colaboração (Sabioni et al., 2018).

Consequentemente, é importante abarcar na execução de projetos de inovação social, as necessidades motivacionais que colaborem com a intenção dos voluntários de permanecer no desenvolvimento dos projetos, através da manutenção de engajamento que, por sua vez, gera redução na rotatividade dos participantes (Newton et al., 2014). A mobilização social para o enfrentamento de problemas comuns, envolve a integração entre o poder público, entes privados, universidades e a sociedade civil organizada. Cada ator possui relevância na união frente às diversidades encaradas na atualidade, através de seus conhecimentos e ferramentas primários. As motivações são relevantes, pois de acordo com a pesquisa realizada por Clary et al. (1998), manter voluntários motivados é uma tarefa multifacetada e complexa que, quando bem sucedida, preserva a intenção dos voluntários em permanecer e se comprometer com o projeto

Os voluntários fazem a doação do seu tempo, conhecimento, serviço e/ou experiência de forma facultativa, sem qualquer tipo de remuneração e diversos projetos e iniciativas são desenvolvidos apenas através desse formato de colaboração (Sabioni et al., 2018).

Ao abordar as motivações dos voluntários, encontra-se no Brasil, os pesquisadores Pilati e Hees (2011) que realizaram a adaptação e validação do Inventário de Funções do Voluntariado (IFV), produzido por Clary et al. em 1998. O IFV possui quatro funções básicas atendidas pelo voluntariado: engrandecimento social (necessidades de autorrealização e social), valores e entendimento (possibilidade de expor valores, aprender e colocar o conhecimento em prática), proteção (garantir a segurança do ego) e carreira (melhoria profissional) (Clary et al., 1998; Pilati & Hees, 2011).

A mobilização social para o enfrentamento de problemas comuns, envolve a integração entre o poder público, entes privados, universidades e a sociedade civil organizada. Dentro desse contexto, o problema dessa pesquisa é: o que motiva os voluntários da sociedade civil organizada para desenvolverem um projeto de inovação social na pandemia de Covid-19, na cidade de Joinville/SC?

Trata-se de pesquisa com abordagem quali-quantitativa, de estudo de caso único. A coleta de dados envolveu a aplicação de questionário de dados

demográficos e do Inventário de Funções do Voluntário, ferramenta validada no Brasil em 2011, assim como a realização de entrevistas semi-estruturadas com os voluntários que participaram do Projeto Agenda Saúde do Fab Lab Joinville.

Dessa forma, esta dissertação se organiza da seguinte forma: no primeiro capítulo apresentamos a introdução, os objetivos e a justificativa da pesquisa. O segundo capítulo aborda as definições sobre inovação social e como se conecta às cidades inteligentes, além de falar sobre a história do voluntariado no Brasil e no mundo, apresenta o perfil do voluntário da ONU (Organização das Nações Unidas), da América Latina e do Brasil.

No terceiro capítulo explica os percursos metodológicos desenvolvidos nesta pesquisa, analisa-se os dados do Inventário de Fatores Voluntários, a introdução ao estudo de caso, com uma breve história de Joinville e o nascimento do Fab Lab Joinville.

O capítulo final apresenta e discute o perfil dos voluntários do projeto Agenda Saúde, os resultados advindos do Inventário de Fatores Voluntários são apresentados, bem como as informações obtidas na entrevista semi-estruturada. Ao final, averiguou-se quais foram as principais motivações para a participação do projeto de inovação social durante a pandemia de Covid-19 e disserta-se sobre as possibilidades de discussões sobre o tema de inovação social e voluntariado para o futuro.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Busca-se compreender as motivações de voluntários para desenvolverem projetos de inovação social durante a pandemia de Covid-19, na cidade de Joinville/SC

1.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar as motivações que levaram os voluntários do Agenda Saúde a participarem de um projeto de inovação social;
- Avaliar se o Inventário de Fatores Voluntários, validado no Brasil, compreende todas as dimensões para voluntários de projetos de inovação social;
- Levantar quais fatores são importantes para a manutenção contínua de voluntários em projetos de inovação social
- Compreender se o contexto da pandemia de Covid-19 influenciou os voluntários na decisão de participarem do projeto de inovação social.

1.2 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa justifica-se por dois campos: científico e social. Em relação à questão científica, pela inexistência de pesquisas que unam o tema de inovação social e voluntariado, especialmente no Brasil. E na questão social, uma vez que a inovação social é um caminho possível para o enfrentamento às desigualdades por meio do desenvolvimento de soluções coletivas com o apoio da sociedade. Nesse sentido, torna-se relevante compreender as motivações dos voluntários, para auxiliar instituições e projetos a criar soluções duradouras para necessidades sociais. De acordo com Komatsu et al (2017) há restrição de literatura que

relacionem motivações e iniciativas de inovação social, especialmente explicação de sua organização e estrutura.

Ao olhar para o voluntariado no Brasil, apenas 4% da população considera fazer parte de algum trabalho voluntário (Castanhari, 2021), número muito menor em relação ao Canadá, onde 74% da população é voluntária (Volunteer Toronto, 2021) ou da Argentina, que contabiliza 38% da população atuando como voluntária (Ayuso & Bucari, 2019). O crescimento do voluntário principalmente pelas configurações de organizações complexas e colaborativas, impactam tanto questões sociais quanto econômicas (Caldas, 2020).

Espera-se que a compreensão das motivações dos voluntários possa auxiliar projetos de inovação social em criar ações à retenção de voluntários, com perfis semelhantes, a partir das dimensões mais latentes levantadas nessa pesquisa. Uma vez que a inovação social possui papel importante na redução das desigualdades, por meio da transformação social e conciliação do interesse coletivo e geral (Agostini, 2015). Em decorrência da premissa de, inovação social é um processo que começa pelos atores que buscam realizar mudanças nas relações sociais, culturais e melhorar a qualidade de vida da comunidade em que estão inseridos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para a construção conceitual desta pesquisa, aprofunda-se em elementos essenciais para este trabalho. Este capítulo se dedica a explorar os pilares fundamentais de "Inovação Social", "Cidades Inteligentes" e "Voluntariado", peças-chave para compreender a interação entre a sociedade civil e a abordagem de desafios sociais. Além disso, examina-se a influência da pandemia de Covid-19 nesse contexto, analisando como as crises recentes abriram oportunidades para colaboração e inovação social. O objetivo deste capítulo é fornecer o arcabouço teórico essencial para contextualizar a pesquisa, destacando a interligação desses elementos na busca por soluções coletivas e sustentáveis.

2.1 INOVAÇÃO SOCIAL

A sociedade possui diversas demandas não solucionadas de diferentes escopos. O Brasil abrange necessidades históricas - como tratamento de esgoto e abastecimento de água potável e outras questões de infraestrutura - bem como demandas trazidas com a contemporaneidade, por exemplo, conectividade, novas dinâmicas de relações, aumento do desemprego, desigualdade de gêneros, pressões migratórias e outros (Agostini et al., 2017; Andion, 2020; Correia et al., 2019). Tudo sendo perpassado pelas transformações econômicas e, recentemente, por uma crise sanitária mundial .

Independente da esfera - global, nacional ou local - alternativas para as dificuldades são constantemente procuradas, sendo que, podem ser resolvidas pelo poder público ou por entidades privadas. Contudo, as organizações existentes não conseguem atender a todas as demandas da sociedade. Com as crises econômicas, políticas e sociais, as dificuldades se destacam e são enxergadas com maior clareza. Essa exposição torna-se uma janela de possibilidade para que a sociedade civil colabore, em conjunto com outros atores, com a resolução de desafios sociais. (Agostini et al., 2017).

Os desafios impostos pela pós-modernidade podem ser resolvidos através de novas estratégias desenvolvidas nas últimas décadas, sendo uma delas a inovação

social (Agostini, 2014). Não há um conceito único de inovação social, uma vez que ela é compreendida por meio de diversas abordagens teóricas e epistemológicas, estando presente em diferentes campos de pesquisa. É um fenômeno complexo e multifacetado, que conecta diversas disciplinas e integra conhecimentos (van der Have & Rubalcaba, 2016).

Antes de adentrar ao tema da inovação social, é imprescindível abordar os conceitos gerais de inovação, que constituem o tema central do qual se originam as ramificações. A inovação assume papel fundamental nas teorias de evolução socioeconômica, pois soluciona a tensão entre imitação e invenção. Nesse sentido, propõe uma visão mais ampla e integrada dos processos de transformações sociais e econômicas. O autor Godin (2008), ao analisar a evolução da inovação, evidencia que o tema atravessa diferentes áreas do conhecimento, como artes, ciência, tecnologia, sociologia, dentre outras. É somente a partir do século XIX que a inovação passa a ser associada aos resultados financeiros e se torna uma ferramenta para o crescimento de empresas privadas.

No início do século XX o tema passa a ser debatido em maior grau, com a teoria de Schumpeter, que a define como o fator que impulsiona o progresso econômico. O autor atrela o capitalismo à "destruição criativa", ou seja, a constante inquietação que promove mudanças de maneira constante, onde a partir dessas mudanças é que novos ciclos econômicos são gerados. Tendo como personagem principal o empreendedor, que é o responsável por novos produtos, processos e formas de organização (Schumpeter, 1934). A inovação é resumida por Carvalho como "a invenção que venceu os vários riscos associados, tanto tecnológicos como de mercado, e chegou ao mercado, gerando valor para os stakeholders envolvidos" (2009, p. 5).

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), através da 4ª edição do Manual de Oslo, é a ferramenta utilizada para mensurar a inovação em organizações e países. O Manual define inovação como o processo de criar e implementar novas ideias e melhorias em diferentes categorias, com o objetivo de adicionar valor e aumentar a eficiência. Compreende que a inovação é um processo essencial para a melhoria da qualidade de vida das pessoas e que pode afetar instituições, setores econômicos e países de formas variadas (OCDE, 2018).

As categorias de inovação propostas por Freeman (1987) são a inovação incremental, radical, de mudança de trajetória e de revolução. A inovação incremental consiste em melhorias graduais em produtos, processos ou serviços já existentes. A inovação radical, por sua vez, envolve uma mudança fundamental que tem o potencial de gerar novos mercados e indústrias. Já a inovação de mudança de trajetória é caracterizada pela ruptura com as práticas convencionais, enquanto as inovações de revolução são responsáveis por promover uma transformação radical no modo de vida e nas estruturas sociais.

Para compreender melhor as diferentes gerações da inovação, Bochn e Frederick (2010) a descrevem a partir de seis gerações. A primeira, ocorrida entre 1950 e 1960, que é impulsionada pela alta tecnologia mas sem desconectar das estratégias corporativas. A segunda, que acontece entre 1960 e 1970, é estimulada pelas ideias advindas do mercado. A terceira, que acontece entre 1970 e 1980, é o resultado da saturação do mercado advindo da fase anterior, que exigia um gerenciamento de portfólio para equilibrar as competências tecnológicas com as ideias advindas da demanda do mercado. A quarta geração, ocorrida nos dez anos seguintes, é a de gestão integrada, onde o time de pesquisa e desenvolvimento torna-se multifuncional e a perspectiva de negócio passa a ser holística. A quinta geração, entre 1980 e 1990, é chamada de integração de sistemas, por conta da concorrência a nível global, a gestão de processos de pesquisa e desenvolvimento precisou integrar-se de maneira rápida. A última geração, que inicia de 1990 em diante, é definida pela integração de rede para facilitar a inserção de ideias advindas de diferentes lugares.

A inovação aberta, ocorrida a partir da última geração, busca expandir a inserção de atores externos ao processo de desenvolvimento de novos produtos/serviços/processos, esses atores podem ser outras empresas consolidadas, startups, universidades e outros (Chesbrough, 2006).

A inovação, especialmente a definida por Schumpeter e teóricos que bebiam da sua teoria para criar novas, possuem um olhar com perspectiva exclusivamente econômica e financeira, onde enxergam a inovação como uma linha reta e os resultados obtidos no final precisam ser, exclusivamente, financeiros. Mas o que ocorre quando abre-se a possibilidade da exploração de conceitos, metodologias e ferramentas já definidos, mas sem o objetivo de lucro e sem a restrição de relação entre fornecedor-consumidor. As oportunidades que se abrem dentro dessa

possibilidade, democratizam a inovação e a tornam mais aderentes às necessidades do século XXI (BURTET, 2019). De acordo com Von Hippel (2005), a democratização da inovação acontece quando os usuários (pessoas ou empresas) inovadores conseguem desenvolver soluções sem depender dos fabricantes, além de possibilitar o compartilhamento da inovação desenvolvida, sem preocupação mercadológica.

As categorias principais de inovação, que aparecem no Manual de Oslo (OCDE, 2018) são: inovação em produto (bem ou serviço novo ou melhorado), inovação em processo (implementação de novos métodos ou processos, abrange diferentes áreas - jurídico, logística, contabilidade, produção e etc), inovação organizacional (novo método de organização da empresa, seja de maneira interna ou externa) e inovação em marketing (novos ou melhorados métodos de marketing). E em 2018, na quarta edição, a OCDE adiciona mais um tipo de inovação ao manual: a inovação social, definida como “Inovações definidas por seus objetivos (sociais) de melhorar o bem-estar de indivíduos ou comunidades.” (pg. 252)

Um dos primeiros pesquisadores a falar sobre inovação social foi Taylor (1970) que, após participar de um projeto interdisciplinar de reabilitação para pessoas de baixa renda, descreve a inovação social como um fenômeno sociológico e psicológico, uma nova forma de fazer as coisas. A definição da Stanford Social Innovation Review, em 2003, era semelhante à de Taylor, mas em revisão feita em 2008, a inovação social foi redefinida como uma solução eficiente e sustentável, com valor que reverbera na sociedade como um todo. Além disso, destaca que a inovação acontece onde os setores interagem, no compartilhamento de ideias e experiências.

. Embora as políticas de inovação tenham sido desenvolvidas com foco nas empresas, a realidade de algumas economias em desenvolvimento demonstra que as promessas de progresso e bem-estar coletivo não se concretizaram, pois a pobreza e a desigualdade continuam a crescer. Assim, é necessário olhar além das organizações tradicionais e explorar a inovação social como uma maneira de promover a mudança social sustentável e inclusiva (Burnet, 2019). É possível encontrar alternativas inovadoras para problemas sociais que sejam mais eficazes, eficientes e sustentáveis do que as soluções já existentes, com o intuito de gerar valor social que beneficie principalmente a sociedade como um todo, em vez de favorecer indivíduos particulares (Phills, Deiglmeier e Miller, 2008) .

A inovação social começa pela necessidade de mudar as relações, questionando o status quo das interações, sendo esse processo realizado de maneira local e por atores diferentes. Além de equilibrar os diferentes interesses: do indivíduo, do coletivo e o geral (Agostini, 2014).

Bignetti (2011) diferencia a inovação tecnológica da social a partir do seu foco de interesse, tendo a primeira o autointeresse dos atores econômicos em busca de vantagem competitiva e a segunda a sociedade. O autor define ainda que inovação social é um fenômeno inclusivo, sendo o resultado da cooperação dos diferentes atores da sociedade, que envolve uma troca constante entre quem faz e quem utiliza (Bignetti, 2011). Os autores Van der Have e Rubalcaba (2016) acrescentam que a inovação social não se refere à tecnologia de ponta, mas sim à resolução de problemas sociais, pois a inovação social busca sanar as necessidades sociais que não são viáveis para o mercado.

Para Caulier-Grice et al (2012), da Young Foundation - fundação londrina especializada em inovação social - a inovação social atende, de maneira conjunta, uma carência social e aperfeiçoa habilidades e relações. Ou seja, aumenta a técnica e competência da sociedade para a ação .

No mesmo sentido, Correia et al. (2019) entendem que as inovações sociais surgem de times multidisciplinares, que durante o percurso de aprendizagem apresentam mudanças nas representações sociais, pelo cultivo de três itens imprescindíveis: participação, autonomia e vontade de mudança. A inovação social é usada para descrever transformações sociais que percorrem desde a gestão, organização, modelos de empreendedorismo, novos produtos ou serviços até modelos de governança (Correia et al., 2019).

A inovação social amplia a abordagem e inclui outros atores além de empresas e Estado, adiciona organizações sociais e universidades ao processo. Além de incluir inovações em áreas não abordadas antes, como políticas, instituições do terceiro setor e práticas sociais (Murray, Caulier-Grice e Mulgan, 2010). Ela fortalece a sociedade civil, por meio de conceitos e ideias que amparam diversas necessidades sociais, como trabalho, educação e saúde, por exemplo (Saji e Elingstad, 2016).

O Centro de Investigação em Inovações Sociais da Universidade de Quebec (CRISES, 2014) entende que a Inovação Social começa pelos atores e tem como objetivo a melhoria da qualidade de vida - seja através de mudanças nas relações

sociais, caminhos culturais. Em relação às relações sociais, Van der Have e Rubalcaba (2016) ressaltam sobre o potencial que a inovação possui em alterar a estrutura de sistemas de inovação. Howaldt et al. (2016) acrescentam que a inovação social também pode ser entendida como:

[...]uma nova combinação e/ou nova configuração de práticas sociais em certas áreas de ação do contexto social, instigadas por certos atores ou constelações de atores de forma intencionalmente direcionada com o objetivo de melhor satisfazer ou responder a necessidades e problemas que é possível com base em práticas estabelecidas. (p. 27, tradução nossa)

Os pesquisadores Tardif e Harrisson (2005), analisaram 49 estudos do CRISES e identificaram 5 dimensões essenciais para o conceito de inovação social: Transformação; Caráter Inovador; Inovação; Atores; Processos. As dimensões podem ser compreendidas a partir da tabela abaixo:

Figura 1 - Dimensões da inovação social

Dimensão	Descrição
Transformação	Refere-se ao contexto que provocou o surgimento da Inovação Social
Caráter Inovador	Mensura o potencial inovador da solução
Inovação	Especifica a tipologia (técnica, social, entre outras) e a abrangência (interesse coletivo, geral..)
Atores	Demonstra a relação entre os diferentes atores (coletivos e individuais, públicos e privados) com a estrutura social seguida
Processos	Relacionado a forma que os atores estão coordenados, como irão se articular e quais restrições para que o processo inovador alcance os objetivos

Fonte: adaptado de Tardif e Harrison (2006)

Em contrapartida, os autores Moulaert et al (2005) apresentam 03 dimensões para a inovação social, são elas: satisfação das necessidades humanas, processo e empoderamento. A satisfação das necessidades humanas refere-se às necessidades não atendidas pelo poder público ou privado, podendo variar entre grupos diferentes. O item processo desenvolve a participação dos atores sociais e atravessa as relações sociais. Já o empoderamento, amplia o potencial

sócio-político dos indivíduos e amplia o conhecimento sobre os caminhos para a participação cidadã e empodera a sociedade civil como um agente ativo de soluções. (Moulaert et al., 2005).

Em relação à última dimensão, a participação em projetos de inovação social possibilita a experimentação democrática através da cooperação entre os atores. O envolvimento em iniciativas que mobilizam diversos setores da sociedade para cooperarem em situações de crises, torna-se um incentivo para a participação social mais frequente (Andion, 2020; Correia et al., 2019).

Para Correia et al (2019), as perspectivas abrangidas pela inovação social possuem foco em dois itens: no resultado, ou seja, no atendimento da finalidade social; e no processo, nas transformações sociais que ocorrem ao longo do processo.

A participação ativa dos atores locais em iniciativas voltadas para mudanças em seu contexto pode levar à criação de novas ideias e formas de lidar com problemas sociais, resultando em soluções mais efetivas e impactantes para a sociedade. O desenvolvimento local exige mudanças sociais que melhorem as condições de vida e reduzam os problemas existentes, o que requer envolvimento dos atores locais nas decisões e estratégias para transformar o contexto e contribuir para o bem-estar coletivo (Justen et al, 2019).

É a partir da geração de espaços que possibilitem a participação da sociedade que expressam que a inovação social é uma revitalização social, por meio de ações coletivas intencionais que buscam reconfigurar a forma que os desafios sociais são atingidos (Cajaiba-Santana, 2014; van der Have & Rubalcaba, 2016). Os processos de inovação social expressam “a capacidade dos atores de apropriar-se das trajetórias de desenvolvimento dos territórios” e são encarados como experimentação democrática (Andion et al., 2020, p. 186).

As experimentações democráticas fazem uso e estendem o experimentalismo para a sociedade, técnica que era utilizada com mais força pela comunidade científica. É através dessas experimentações que a capacidade do cidadão de investigar - de forma individual ou coletiva - é expandida (Ansell, 2012). É por meio de processos colaborativos, conexão entre os agentes sociais, com incentivo a testagem e prototipagem que surgem ambientes propícios para as experimentações democráticas (Andion, 2020).

É importante ressaltar que os projetos de inovação social não são numerosos, são processos experimentais que buscam o aprimoramento dos atores envolvidos. A inovação social se torna “capaz de gerar novas práticas e dinâmicas que (re)ligam aspectos socioeconômicos, socioculturais, às tradições e à capacidade associativa dos atores” (Andion et al., 2020, p. 196), isso através da construção coletiva de mundos possíveis. De acordo com o Manual de Oslo (2018), o objetivo da inovação social é melhorar o bem-estar dos cidadãos e das comunidades.

2.2 CIDADES INTELIGENTES

Em 2020, a ONU-Habitat lança o seu principal programa, chamado “Cidades Inteligentes Centrada nas Pessoas”, que busca utilizar o potencial das cidades inteligentes na melhoria da qualidade de vida das pessoas. As discussões acerca das cidades inteligentes aconteceram nas últimas duas décadas, especialmente após o setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) conseguir atrelar tecnologia ao urbanismo.

Para Cohen (2015) Inicialmente eram orientadas para a tecnologia, sensoriamento, internet das coisas e outras soluções que agreguem tecnologia às necessidades reais (ou não) das cidades, essa pode ser entendida como a 1ª fase de Smart Cities. A fase seguinte compreende que a tecnologia não é a solução de todos os problemas por si só, e foca nos tomadores de decisões do poder público. A última fase inclui o cidadão como fator determinante na criação coletiva de cidades melhores.

Em 2020, a ONU-Habitat realiza uma crítica às cidades inteligentes que aplicam de maneira desgovernada tecnologias, com base na oferta e não na demanda. Foi possível assistir cidades despenderem valores consideráveis em tecnologias que não serviam para melhorar a vida dos cidadãos que ali moravam. Os resultados, muitas vezes negativos, são as “tendências para a vigilância, propriedade privada dos bens públicos digitais e de infra-estrutura e a perpetuação da discriminação por meio da tomada de decisão automatizada, alimentada por inteligência artificial” (pg. 9)

O Brasil possui a Carta Brasileira para Cidades Inteligentes, que define as cidades inteligentes como:

“São cidades comprometidas com o desenvolvimento urbano e a transformação digital sustentáveis, em seus aspectos econômico, ambiental e sociocultural, que atuam de forma planejada, inovadora, inclusiva e em rede, promovem o letramento digital, a governança e a gestão colaborativas e utilizam tecnologias para solucionar problemas concretos, criar oportunidades, oferecer serviços com eficiência, reduzir desigualdades, aumentar a resiliência e melhorar a qualidade de vida de todas as pessoas, garantindo o uso seguro e responsável de dados e das tecnologias da informação e comunicação.” (pg 29, 2020)

Para Guimarães (2018), as cidades inteligentes ultrapassam puramente a questão tecnológica mas diferem-se dos conceitos anteriores pois são centradas no ser humano, ou seja, colocar as pessoas como protagonistas no debate. Para isso, faz-se necessário uma visão totalizante das cidades.

Um dos setores que possuem atenção das Cidades Inteligentes é a área da saúde, que enquadra-se dentro da dimensão de vivência e que tem gerado maior interesse e preocupação desde a pandemia de Covid-19. Os países com melhores índices nesse espectro, construíram o seu desenvolvimento geral pautado em dois sistemas: um de inovação e em outro de bem estar social. O setor da saúde conecta-se e se favorece de ambos. Identifica-se que com maiores avanços tecnológicos, maiores são os avanços em saúde, aumentando a qualidade de vida da população (Albuquerque, Souza e Baessa, 2004). De acordo com o Banco Mundial (1993), os fatores que contribuem para a queda de mortalidade são: a) aumento de renda per capita; b) avanços na tecnologia médica; c) desenvolvimento da saúde pública e disseminação do conhecimento.

A articulação e integração daqueles que olham para o setor médico com aqueles que se relacionam com o bem estar social, influenciam-se mutuamente e geram pesquisas mais completas e com resultados de maior impacto ao desenvolvimento do país (Albuquerque, Souza e Baessa, 2004). Para os autores, a inovação tem papel imprescindível no aumento da qualidade de vida, especialmente com a realidade brasileira, que lida, simultaneamente, com doenças de tipos diferentes, infecciosas, degenerativas e derivadas de poluição.

O Manual de Oslo (2018), destaca a importância da cooperação e colaboração entre empresas, universidades e governos na promoção da inovação. A inovação social demanda da colaboração de um conjunto robusto de atores, como

governos, empresas, universidades e sociedade civil organizada, que irão se concentrar em abordar problemas sociais complexos (Murray, Caulier-Grice e Mulgan, 2010).

Foi Hegel (1820) quem estabeleceu as diferenças entre sociedade civil e Estado. Fica a cargo da sociedade civil intermediar o debate e relacionamento entre o indivíduo e o estado. “A teoria da sociedade civil também reconhece a importância dos indivíduos conscientes e reflexivos se unem para colaborar na construção da sociedade moderna.”

Para Guimarães (2018) a importância do cidadão é a base principal das cidades inteligentes pois Sem cidadãos com acesso à educação, participativos e com domínio das tecnologias disponíveis, não se constrói uma verdadeira cidade inteligente. A verdadeira e real Cidade Inteligente é aquela que tem como centro de tudo o ser humano, o cidadão que habita e dá vida a ela. O ser humano deve ser o ator principal nos modelos de cidades inteligentes, ao passo que a tecnologia é um ator coadjuvante de extrema importância.

2.3 VOLUNTARIADO

As pesquisas e discussões teórico-conceituais sobre o voluntariado perpassam diferentes áreas de conhecimento, tais como economia, psicologia e ciências sociais, e desde seus primeiros registros até hoje, mudanças significativas são encontradas. Para compreender melhor sobre o que se entende acerca do voluntariado, é importante saber o que o voluntariado não é: não é algo biologicamente necessário, não é remunerado, ao passo que não é análogo à escravidão, não é um trabalho forçado, não é uma ajuda espontânea e não é cuidar de um familiar (Hustinx et al., 2010). Existem duas formas primárias de voluntariado, a que é realizada de maneira formal, em uma organização estruturada e a informal, através de ajuda - por exemplo, ajudar alguém a atravessar a rua ou através de auxílio de forma pontual, como doações de alimentos ou roupas (Ferreira et al., 2008). É importante destacar que a maneira informal é mais frequente em classes mais baixas e em minorias (Hustinx et al., 2010).

Para Yazbek (2002) e Newton et al. (2014), o voluntário é quem faz a doação do seu tempo e conhecimento para causas de cunho social, de maneira não-obrigatória e sem receber remuneração. Figueiredo (2005) complementa que a ação voluntária se faz a partir da união de dois fatores: a realização individual e a solidariedade de ajudar ao próximo.

Um exemplo foi a fundação da Cruz Vermelha, que nasceu a partir da batalha de Solferino, em 1863 na Suíça, com o objetivo inicial de proteger vítimas de conflitos armados (História do CICV, 2010). Com o foco voltado para a educação de jovens e utilizando componentes como coragem e camaradagem, em 1907, na Inglaterra inicia-se o Movimento Escoteiro.

Algumas das principais organizações que apoiam e/ou oferecem serviços voluntários pelo mundo são: a Organização das Nações Unidas (ONU) com o Programa dos Voluntários das Nações Unidas (UNV), criado em 1970; a CARE Internacional, que há 75 anos atua contra a pobreza e busca equidade de gênero; o Fundo Mundial Para a Natureza - mais conhecido como WWF - foi fundado em 1961, com foco na conservação da biodiversidade mundial (Rede WWF, n.d.). Todas essas organizações possuem atuação no território brasileiro.

O ano de 1990 foi marcado com a Declaração Universal do Voluntariado, idealizada pela *International Association for Volunteer* (IAVE). Essa declaração, inspirada na Declaração Universal dos Direitos Humanos e na Convenção dos Direitos das Crianças, define o voluntariado como:

É baseado numa escolha e motivação pessoal, livremente assumida; É uma forma de estimular a cidadania ativa e o envolvimento comunitário; É exercido em grupos, geralmente inseridos em uma organização; Valoriza o potencial humano, a qualidade de vida e a solidariedade; Dá respostas aos grandes desafios que se colocam para a construção de um mundo melhor e mais pacífico; Contribui para a vitalidade econômica, criando empregos e novas profissões (IAVE, 2001, p.1, tradução nossa).

Nesse sentido, a IAVE compreende o voluntariado enquanto uma potência para a promoção do respeito com foco na construção de uma sociedade mais equitativa, através da cooperação e do exercício social (IAVE, 2001).

Trata-se de um engajamento espontâneo e não remunerado, sendo os “motivos que levam o indivíduo a atuar como voluntário numa organização são diferentes daqueles que o impulsionam para a atividade remunerada, normalmente exercida no mercado” (Souza e Medeiros, 2012, p. 97).

Para Hudson (1999), as contribuições que o voluntariado oferece para a sociedade são: complemento ao serviço público, ao exercer um papel complementar, preenchendo as lacunas e suprimindo necessidades não atendidas em sua totalidade pelo setor público, proporciona a ampliação de respostas às demandas sociais; inovação, através de abordagens e soluções criativas, tem a possibilidade de testar e experimentar novas ideias, e mais eficácia no aprimoramento das soluções; participação cidadão, o voluntariado oferece oportunidades de envolvimento ativo na sociedade, para que os voluntários se tornem agentes de mudança.

O voluntariado possui diversas complexidades, sendo um fenômeno que se expande para diferentes atividades em diferentes instituições. Além disso, constitui-se numa construção social que decorre diretamente do cenário social, político, econômico e cultural na qual está inserido, nesse sentido, na próxima sessão, nos aprofundaremos na história do voluntariado no Brasil.

2.3.1 História do Voluntariado no Brasil e o Novo Voluntário

Não é possível precisar o início do trabalho voluntário no Brasil com as informações que possuímos hoje, mas é possível afirmar que a influência religiosa esteve presente nessa trajetória. Os primeiros registros de atos de filantropia e caridade são datados de 1539, com a fundação da Santa Casa de Misericórdia em Olinda. Fundações como a Santa Casa de Misericórdia de Santos, criada em 1543, com a Assistência aos necessitados da Federação Espírita Brasileira, criada em 1890, são exemplos desse voluntariado que possuía a religião como base (Figueiredo, 2005).

Mesmo com o auxílio de voluntários, as fundações religiosas começaram a ter necessidades financeiras, que foram supridas por ações filantrópicas da alta sociedade. É a partir desse cenário que diversas organizações são criadas sem o fim lucrativo, mas com objetivos variados - desde educacionais, assistencialistas, religiosos e outros (Kawata, 2015).

É a partir da década de 30 que o assistencialismo brasileiro assume um perfil laico. O país encontrava-se em processo de êxodo rural, participava da 2ª Guerra Mundial e havia uma maior preocupação com os trabalhadores (Araujo, 2008).

Nesse contexto, foi promulgada a Lei nº 91 de 1935 - Lei da Declaração de Utilidade Pública que prevê que “as sociedades civis, as associações e as fundações constituídas no país com o fim exclusivo de servir desinteressadamente à coletividade podem ser declaradas de utilidade pública” (1935).

Em 1942 foi fundada a Legião Brasileira de Assistência (LBA), por Darcy Vargas, esposa do presidente Getúlio Vargas. Com o objetivo de “prestar, em todas as formas úteis, serviços de assistência social”. A LBA foi extinta em 1995, após escândalos com a primeira-dama Rosane Collor (Universidade Federal de Santa Maria, n.d).

Em 1954, foi fundada a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) com o objetivo de “promover a atenção integral à pessoa com deficiência, prioritariamente aquela com deficiência intelectual e múltipla”. A Associação possui uma grande capilaridade nacional, estando presente em 2.200 municípios. A APAE também criou o Movimento Apaeano, uma rede com diversos atores que lutam pela defesa das pessoas com deficiência (APAE, n.d.).

Com foco em estudantes universitários, nasce em 1968 o Projeto Rondon, conduzido pelos militares e que teve como objetivo “contribuir com o desenvolvimento da cidadania nos estudantes universitários, empregando soluções sustentáveis para a inclusão social e a redução de desigualdades regionais e visando ao fortalecimento da Soberania Nacional” (Ministério da Defesa, 2020).

Em 1970 surgem as primeiras Organizações Não Governamentais (ONGs), decorrente da criação do Terceiro Setor. É no Terceiro Setor que o voluntariado alcança sua maior manifestação, e este difere-se do Primeiro Setor (poder público) e do Segundo Setor (entes com fins lucrativos), pois não se sujeita ao mercado e nem ao poder público. As instituições que compõem esse setor são complexas, não homogêneas. Possuem objetivos e ações diferentes, além de público-alvo diverso. (Figueiredo, 2005).

A visibilidade gerada (de maneira estruturada pelo Estado ou não) ao trabalho voluntário, durante as décadas de 1970 a 1980, advém das “Décadas de Crise”, onde o mundo escorrega para a instabilidade e constantes crises, por exemplo o crash da bolsa americana em 1987. A década de 1980 foi marcada por depressão severa, para a África, Ásia Ocidental e América Latina, especialmente para o Brasil, que foi um dos “candidatos a campeão mundial da desigualdade” (Hobsbawm, 1995, p. 396). O país também passava pelo período de

redemocratização, com a Constituição de 1988. Para alguns autores, guerras e situações de abalo político e social são conjunturas que fomentam o voluntariado (Lage, 2019; Schwyzer, 2016).

Em 1995, o presidente Fernando Henrique Cardoso criou o Programa Comunidade Solidária, em substituição ao LBA. O programa tinha como objetivo combater a exclusão social através do monitoramento de recursos para entidades que realizam ações com tal finalidade e foi presidido pela primeira-dama Ruth Cardoso. No mesmo ano, foram feitas as Reformas do Aparelho do Estado, consequência da crise fiscal e econômica, que estimularam o Terceiro Setor (Figueiredo, 2005). Pois é este setor quem constrói uma “relação baseada na responsabilidade mútua entre Estado e Sociedade Civil no atendimento das necessidades sociais” (Schwyzer, 2016, p. 77).

Considerando a legislação, foi promulgada a Lei do Voluntariado (Nº 9.608), em 1998. Compreende o voluntariado como “a atividade não remunerada prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou a instituição privada de fins não lucrativos que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência à pessoa” (1988).

Para o Terceiro Setor, em 1999 foi sancionada a Lei nº 9.790, que aborda a qualificação de pessoas jurídicas, de direito privado, sem fins lucrativos, para tornarem-se Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público. Mais tarde foi alterada pela Lei nº 13.019 de 2014 - conhecida como o Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil - que estabelece um novo regime jurídico para as parcerias do estado e das organizações da sociedade civil.

As décadas de 1980 e 1990 marcam inserções e mudanças no campo do voluntariado. Desde a entrada das empresas privadas a partir de programas de voluntários dentro das organizações, que podem ser encarados com diversas finalidades: desde melhor relacionamento com o funcionário, engajamento com a comunidade ou melhoria na imagem perante o mercado, até mudanças no perfil da pessoa voluntária, derivado do aumento significativo das organizações. Esse perfil torna-se mais formal, mais qualificado, pois busca conhecimentos mais aprofundados, e passa a definir o discurso tendo como base a expressão de cidadania e participação social (Kawata, 2015).

Para Schwyzer (2016) essas mudanças, datadas da década de 1990, marcam o nascimento de um novo voluntário social, que recorre à retomada da

prática antiga do voluntariado, mas reformulada para os desafios impostos pela contemporaneidade, ao passo que se aliena da religião. Kawata (2015) complementa que a mudança ocorre junto a precarização das políticas sociais e a alteração de coletivo, trazido pelas organizações religiosas, para a individualização do voluntariado. No entanto, entende que o voluntariado abrange diferentes abordagens para o exercício da cidadania, uma vez que a participação política foi, por um longo período, restrita aos ambientes tradicionais.

Quando falamos da pandemia, ocorreu um senso de urgência e solidariedade na sociedade civil, levando a uma mobilização massiva de voluntários em todo o mundo. Pessoas de diferentes idades, habilidades e profissões se uniram para oferecer ajuda e apoio aos mais vulneráveis, desde a entrega de alimentos e medicamentos até o suporte emocional e psicológico (Estadão, 2021)

O voluntariado desempenhou um papel crucial no suprimento das necessidades básicas daqueles afetados pela pandemia, como pessoas em situação de rua, idosos isolados e famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Voluntários organizaram campanhas de arrecadação de alimentos, produtos de higiene e recursos financeiros, garantindo que essas pessoas tivessem acesso aos itens essenciais para sua sobrevivência (Estadão, 2021)

A pandemia impôs restrições e medidas de distanciamento social, o que exigiu que o voluntariado se adaptasse a novas formas de atuação. O uso da tecnologia desempenhou um papel fundamental na manutenção e expansão das ações voluntárias, permitindo a realização de atividades remotas, como mentorias online, aulas virtuais e apoio emocional por videochamadas (Estadão, 2021)

Na próxima sessão discutiremos o perfil atual dos voluntários no Brasil e no mundo.

2.3.2 Perfil dos voluntários no Brasil e no mundo

O relatório anual de voluntariado da ONU de 2021, em seu programa de Voluntários das Nações Unidas (United Nations Volunteers [UNV]), identifica que atualmente estão com 10.921 voluntários, 15% a mais que em 2020. O voluntário da ONU possui idade média de 34 anos (tendo 33% dos participantes menos de 30 anos e 1% mais de 60 anos), 53% são mulheres. São 41% dos voluntários que

executam atividades voluntárias fora dos seus países de origem, ou seja, trabalho voluntário internacional (UNV, 2021).

Houve aumento de voluntariado em todas as regiões, ao se comparar com 2020. Na África o aumento foi de 9%, semelhante à Europa e Comunidade de Estados Independentes. A Ásia e Pacífico contou com um aumento de 16% e os Estados Árabes com 18%. O maior aumento foi na América Latina e Caribe, com 36% (UNV, 2021).

O voluntariado latino-americano possui maior participação das mulheres (53%), com idade média de 37,5 anos. A maioria é casada (58%) e possui um trabalho formal (61%), o nível de escolaridade é dividido (33% em cada categoria de ensino primário, secundário e universitário). A maior parte dos voluntários é da classe média (61%). Aproximadamente 70% são voluntários em ONGs (Concepción et al., 2019).

Em relação ao cenário nacional, a pesquisa realizada por Naccache et al. (2022), com realização do Datafolha e Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS), busca apresentar o retrato do voluntariado brasileiro atualmente. A pesquisa está na sua terceira edição, a primeira edição ocorreu em 2001, a segunda em 2011 e a terceira em 2021-2022.

A pesquisa abrangeu 2.068 pessoas, com idade superior a 16 anos. Os resultados demonstram que 20 milhões de brasileiros realizam atividade voluntária com frequência e 37 milhões sem frequência definida. Mostrando que 57 milhões de brasileiros realizam algum tipo de atividade voluntária. O tempo médio mensal de dedicação é de 18 horas. O período médio de participação no trabalho voluntário é de 10 anos, entre os mais velhos. Já para os mais jovens, o período fica entre 1 a 3 anos (Naccache et al., 2022).

O perfil do voluntário brasileiro hoje é do sexo feminino (51%), com filhos (63%), pardos e brancos (36% cada), com idade entre 30 a 49 anos (40%), solteiro (44%), católico (34%), com ensino médio completo (50%), que recebe entre 2 a 5 salários mínimos (41%) e é economicamente ativo (76%). Em relação a pandemia, 47% passaram a realizar mais atividades de voluntários, sendo 61% a distribuição de alimentos, itens de higiene ou objetos. A maior motivação para 74% dos voluntários que participaram da pesquisa é a solidariedade, ou seja, a vontade de ajudar (Naccache et al., 2022).

Em relação às instituições do Terceiro Setor, ambiente em que o trabalho voluntário é mais expressivo, em relatório publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2020, somavam-se 781.921 organizações compondo o Terceiro Setor, distribuídos entre 1.114 Organizações da Sociedade Civil (OSCs) e 7.046 Organizações da Sociedade Civil e Interesse Público (OSCIP). A localização de 45% delas é no Sudeste. Mais de 90% das OSs têm menos de 11 anos de fundação, foram criadas entre 2011 e 2018. Já para as OSCIPs, 70% foram fundadas entre 2011 e 2010. A área de atuação em Desenvolvimento e defesa de direitos tem maior representatividade (31% nas OSs e 57% nas OSCIPs), seguida de cultura e recreação (13% nas OSs e 07% nas OSCIPs). Em relação ao gênero, as mulheres são a maioria dos empregados (Escudero et al., 2020).

3. MÉTODOS

3.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS

O estudo foi realizado através da abordagem quali-quantitativa. A escolha pelas duas abordagens se dá em prol da compreensão efetiva do fenômeno, abrangendo tanto em nível de dados matemáticos, quanto a compreensão dos significados e intencionalidades (Minayo & Sanches, 1993).

O método foi estudo de caso único e a escolha se deu pela possibilidade de obter conhecimento através de intensa análise de um fenômeno existente. Goldenberg (2011, p. 33-34) afirma que o estudo de caso "reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas da pesquisa, com o objetivo de aprender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto".

O estudo de caso foi realizado na cidade de Joinville (Santa Catarina), na Associação Fab Lab Joinville, com o grupo de voluntários que idealizou e produziu o projeto Agenda Saúde. A abordagem quantitativa desenvolveu-se através da aplicação de questionário online, com perguntas fechadas. O questionário aplicado, chamado de Inventário de Fatores Voluntários (Volunteers Functions Inventory - FDI), foi desenvolvido por Clary et al (1998) e adaptado ao contexto brasileiro por Pilatti e Hees (2011), está disponível no Anexo I deste trabalho.

O inventário desenvolvido por Clary et al., em 1998, aplica a Teoria Funcionalista para a questão da motivação de voluntários. Baseados na Teoria das Atitudes de Katz (1930) e Smith et al. (1956) apud Clary et al. (1998), criaram a hipótese de 06 funções psicológicas e sociais significativas para o envolvimento no voluntariado.

A validação foi realizada em seis estudos diferentes, o primeiro estudo contou com 467 participantes, resultando no questionário final com 30 itens, cada uma das 06 funções possui 05 itens para avaliação. O segundo estudo foi realizado na Universidade do Minnesota, com o objetivo de incluir pessoas mais novas que o estudo anterior. No total, 535 estudantes participaram. O terceiro estudo foi realizado com 65 estudantes do curso de Psicologia da Universidade do Minnesota,

que responderam 2 vezes, sendo a segunda 4 semanas após a primeira. Para o quarto estudo, houve 59 alunos da mesma universidade participando. Inicialmente foram criadas seis peças publicitárias, cada uma correspondendo a uma função identificada no inventário. Após isso, os alunos responderam uma bateria de questionários (incluindo o IFV) e examinaram as peças publicitárias criadas para a próxima feira de voluntariado da universidade. E a última tarefa foi para que colocassem cada folheto em uma escala de classificação.

O quinto estudo contou com 61 participantes, com idade média de 70 anos e residentes de um hospital da Indiana e que prestavam uma média de 4.6 horas semanais de trabalho voluntário, por pelo menos 12 semanas. No primeiro momento, responderam ao Inventário de Fatores Voluntários (IFV) e após 16 semanas receberam um questionário que media, através de escala Likert, os benefícios e satisfação da prática do voluntariado. O sexto e último estudo de validação foi a replicação e desenvolvimento do quinto estudo. Os participantes foram 369 estudantes de Administração da Universidade de St. Thomas, a participação foi parte obrigatória do curso, que exigia a participação de 40 horas de serviço comunitário, ao longo de 12 semanas no semestre. Doze semanas após preencherem o IFV, receberam o questionário sobre as percepções e satisfações acerca do trabalho voluntário. Diferente do questionário anterior, neste havia apenas 01 item por função e também foi utilizada a escala Likert (Clary & Snyder, 1998). O Inventário foi validado no Brasil em outros países, como Itália (Marta et al, 2006), China (Wu et al, 2009) e Argentina (Chiesa et al, 2020).

O Inventário explicado acima, foi adaptado e validado no Brasil por Pilati e Hees (2001)¹. O trabalho em questão também foi correlacionado com a versão reduzida do Questionário de Perfis de Valores (QPV21), que não é utilizado nesta pesquisa. Para a validação, participaram 319 voluntários do Brasil. O IFV não foi traduzido de forma direta, produziram um instrumento para conferência, por meio de auxílio de voluntários através de entrevistas. A análise inicial resultou em 58 itens, que foram avaliados por especialistas em medidas psicométricas e após a análise manteve-se 24 itens, que foram divididos pelas 06 dimensões. A coleta de dados ocorreu de forma virtual com duração de 04 meses. A conferência foi realizada através do método *Principal-axis factoring* com rotação oblíqua promax. Foram

¹ A aplicação seguirá as orientações de uso determinadas pelos pesquisadores e disponível em: https://rpilati.files.wordpress.com/2018/05/versc3a3o-de-uso_ifv_pilatihees.pdf

extraídos 04 dimensões totais, agregando 02 fatores à outros mas mantendo a estrutura fatorial correspondente, conforme Tabela 01. De acordo com os autores, "a solução guarda similaridade teórica que permite comparações e testes diferenciados de hipóteses" (Pilati e Hees, 2011, p. 279).

Figura 2 – Dimensões em relação ao inventário original e brasileiro

FVI - Clary e Snyder (1998)	IFV - Pilatti e Hees (2011)
Social	Engrandecimento/Social
Engrandecimento	
Valores	Valores/Entendimento
Entendimento	
Carreira	Carreira
Proteção	Proteção

Fonte: Adaptado de Clary e Snyder (1998) e Pilatti e Hees (2011)

O Inventário (original e brasileiro) faz uso da Escala Likert de 07 pontos. É através dessa escala que se realiza a coleta de dados para informar as atitudes positivas e negativas em relação a um objeto. Se o participante marcar Totalmente Importante em um item, este recebe o escore de 7, se marcar Totalmente sem Importância, recebe um escore de 1. É importante ter em mente que os resultados correspondem às motivações do recorte definido pela pesquisa. (Richardson et al., 1985).

Os dados do questionário foram tabulados e tratados por meio de estatística descritiva, utilizando-se o software IBM SPSS Statistics 20. Na análise dos itens de Likert, optou-se pelo cálculo do Ranking Médio (RM), conforme elaborado por Oliveira (2005) e descrito a seguir:

$$RM = (\sum f_i V_i)/NS$$

Onde, RM é o Ranking Médio para cada item de Likert; f_i é a frequência de respostas para cada nível do item de Likert; V_i é o valor numérico de cada item de Likert; NS é o número de sujeitos.

Acerca do exposto, os valores de RM próximos de 7 indicam maior nível de importância para o item de Likert em questão, enquanto valores de RM próximos de 1 indicam baixo nível de importância. Vale lembrar que valores de RM em torno de 4 refletem a indiferença do respondente quanto ao item pesquisado.

As Tabelas de 2 a 5 apresentam as frequências relativas de respostas para todos os níveis de cada item de Likert do inventário. As questões foram agrupadas pelas dimensões do IFV (engrandecimento social, valores e entendimento, proteção e carreira) para facilitar a análise dos resultados. Para auxílio no entendimento dos resultados, será utilizado o boxplot, definido como uma ferramenta visual que oferece uma visão das medidas de tendência central, dispersão e simetria dos dados agrupados (Neto *et al.*, 2017). São os gráficos de 11 a 14 representam a predominância de respostas acima de 4 à cada afirmação do IFV, quanto mais saturado o gráfico maior a relevância desta afirmação dentro do grupo estudado.

Logo após o preenchimento do questionário, ocorreu a abordagem qualitativa, com entrevista semi-estrutura, uma das técnicas mais utilizadas na pesquisa do campo e que busca conseguir informações incluídas nas falas dos participantes (Minayo, 2002). Todos os contatos com os voluntários foram realizados pela pesquisadora responsável. O contato inicial se deu com o Voluntário 01 (V01), que indicou o contato de outros voluntários, seguindo uma trajetória de indicações. Todos foram abordados por meio digital: whatsapp, *Discord* e *LinkedIn*, exceto o V01, que foi abordado de maneira presencial, pois pesquisadora e voluntário estavam em um mesmo evento. Nenhum dos participantes se negou a participar das fases desta pesquisa.

As análises das entrevistas foram feitas através da análise de conteúdo, entendida como um conjunto de técnicas que busca verificar as hipóteses levantadas e descobrir o que há além do conteúdo explanado pelos participantes. As fases para a análise seguiram os seguintes passos: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados obtidos e interpretação (Minayo, 2002).

A pré-análise consiste na organização do material. É onde se escolhem os indicadores que guiam o conteúdo que foi analisado, ou seja, as unidades de registro, as unidades de contexto, os trechos significativos e as categorias. Essa fase ocorre com o agrupamento das respostas transcritas, por pergunta.

Após isso, partiu-se para a fase de exploração do material, que consiste em aplicar a codificação, unidades de registros e unidades de contextos que foram definidas na etapa anterior.

A terceira fase, de tratamento dos resultados obtidos e interpretação, trata-se dos dados brutos, que foram analisados no primeiro momento de maneira estatística e depois a partir da abordagem qualitativa, buscando compreender o conteúdo expresso e oculto das entrevistas (Minayo, 2002). Para ambas as abordagens, buscou-se alcançar a amostra limite, mas por conta da agenda dos voluntários do Agenda Saúde, 16 de 23 puderam participar, chegando então a porcentagem de 69,56% voluntários do projeto Agenda Saúde.

3.2 ESTUDO DE CASO

3.2.1 Joinville: a construção de uma cidade inteligente

As terras que faziam parte da cidade de São Francisco do Sul, até então habitadas por portugueses, indígenas e quilombolas recebem, em 1851, imigrantes vindos da Prússia² a fim de povoar as 25 léguas quadradas referente ao dote da Princesa Francisca Carolina, filha de Dom Pedro I, que então tornou-se Colônia Dona Francisca. É importante ressaltar, que milhares de anos antes (datado de 4800 a.C) os povos sambaquis, do grupo de caçadores-coletores, habitaram essa terra e deixaram sua marca, resguardados hoje em forma de sítios arqueológicos (Secretaria de Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável [SEPUD], 2021).

Joinville ganhou esse nome quando recebeu o título de cidade em 1877. A partir desta data é notado um forte crescimento populacional com o aumento das migrações européias devido, principalmente, à crise econômica existente na Europa na época. O desenvolvimento da cidade ocorreu de forma rápida, principalmente nas décadas de 1950 e 1980, por conta de grandes indústrias que iniciaram e/ou se instalaram na cidade (SEPUD, 2021). Tal crescimento fez com que a cidade ficasse conhecida como Manchester Catarinense³ (Kielwagen, 2016). A partir de 1980 percebe-se uma redução no crescimento demográfico devido à recessão industrial

² Atualmente Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Lituânia, Polônia, República Tcheca e Rússia.

³ Em alusão à cidade inglesa Manchester, grande polo industrial.

provocada pela crise econômica que impactou não só a cidade, como o país (SEPUD, 2021).

Joinville é uma cidade multicultural, por conta das diferentes ondas migratórias: no início do século XIX com imigrantes portugueses e africanos em diáspora; entre 1850 e 1888 com imigrantes europeus, em especial germânicos, suíços, franceses e italianos; entre 1950 e 1980 com brasileiros de outras regiões, como Paraná; e, a última onda, que aconteceu nos últimos 10 anos com haitianos e venezuelanos (SEPUD, 2021). Com 171 anos, Joinville é a cidade com maior volume populacional do estado, com população de 616.323 pessoas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2022).

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,809. A raça da população joinvilense está dividida em: 0,13% indígena; 0,39% amarela, 2,48% preta; 11,44% parda e 85,56% branca (IBGE, 2010), por se tratarem de dados coletados há mais de 10 anos e não abrangem as migrações recentes que mudaram o perfil da cidade. De acordo com o ranking de saneamento da Trata Brasil de 2022, Joinville está na 79ª posição, o atendimento total de esgoto é de 38,05% pela cidade e 99,93% de atendimento de água. Em relação à educação, a taxa de escolarização de crianças e adolescentes entre 6 e 14 anos é de 97,3% (IBGE, 2010). O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) para toda a rede pública (federal, estadual e municipal) é de 7.0 para os anos iniciais e 5.8 para os anos finais (IBGE, 2019). A participação da população joinvilense nas eleições de 2020 (para poder executivo e legislativo) foi de 71,64% de comparecimento e 28,36% de abstenção. Observa-se uma queda no comparecimento ao longo dos anos, sendo nos anos 2000, 89,46% de presença e 85,15% em 2012 (SEPUD, 2021).

A média mensal de salário dos trabalhadores formais é de 2,7 salários mínimos (R\$ 3.272,40) e 42,1% da população total está em um emprego formal (2020). O PIB per capita é de R\$ 58.476,90 - o maior do Estado e o 26º do Brasil. A somatória do PIB através dos setores: Serviços: 42.41%; Industrial: 25.91%; Impostos: 21.69%; Serviço Público: 9.71% e Agro: 0.28%. A mudança da matriz econômica da cidade teve alteração ao longo dos últimos 20 anos, onde o setor de serviços foi predominante em relação às indústrias, principalmente metalmeccânica, plásticas e têxteis (IBGE, 2019; Loetz, 2019).

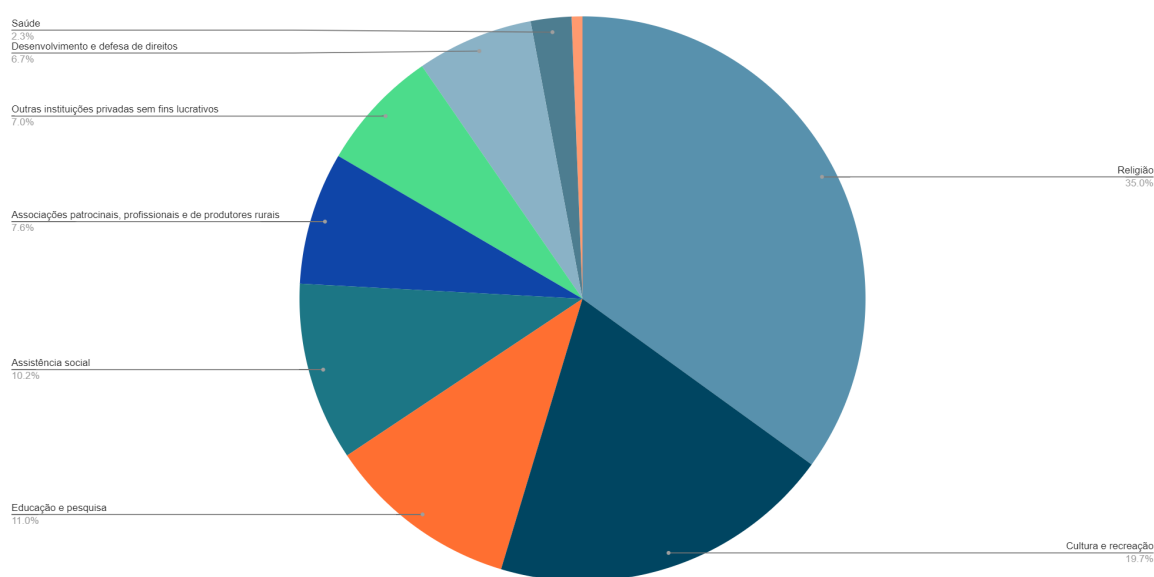
Por conta das alterações econômicas, somado aos avanços tecnológicos, Joinville oficializou o primeiro movimento formal em 2012, com a criação do Conselho Municipal da Ciência, Tecnologia e Inovação de Joinville (COMCITI), pela Lei de nº 7.190 (2012). Que objetiva a criação de políticas públicas em prol do avanço técnico-científico, difusão do conhecimento e políticas inovadoras para implementação no município.

Outro passo importante, motivado pelo crescimento urbano desordenado das últimas décadas, o COMCITI e a Secretaria de Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável de Joinville, em 2015, decidiu formar uma associação privada e sem fins lucrativos, chamada de Join.Valle, com o objetivo de fortalecer o novos segmentos econômicos através do fortalecimento do ecossistema de inovação e da participação de atores das mais diversas esferas as esferas - governamental, empresarial, acadêmica e sociedade civil (Prefeitura de Joinville, 2022).

O Join.Valle é responsável pela governança do ecossistema de Joinville, alinhando projetos e iniciativas entre os entes e colaborar na jornada de inovação e empreendedorismo da cidade. Alguns exemplos são: a Jornada de Empreendedorismo, Desenvolvimento e Inovação que busca gerar novos negócios com potencial de escalabilidade, a partir de metodologia própria desenvolvida. O Join.Vc, programa de investimento em startups da região (Joinville, s/d).

Em 2016, a cidade contava com 646 fundações privadas. Com a classificação: 15 fundações de Saúde; 127 fundações de cultura e recreação; 71 fundações de educação e pesquisa; 66 fundações de assistência social; 226 fundações de religião; 49 fundações de associações patronais, profissionais e de produtores rurais; 4 fundações de meio ambiente e proteção animal; 43 de desenvolvimento e defesa de direitos; e 45 outras instituições privadas sem fins lucrativos, conforme descrito na Figura 01.

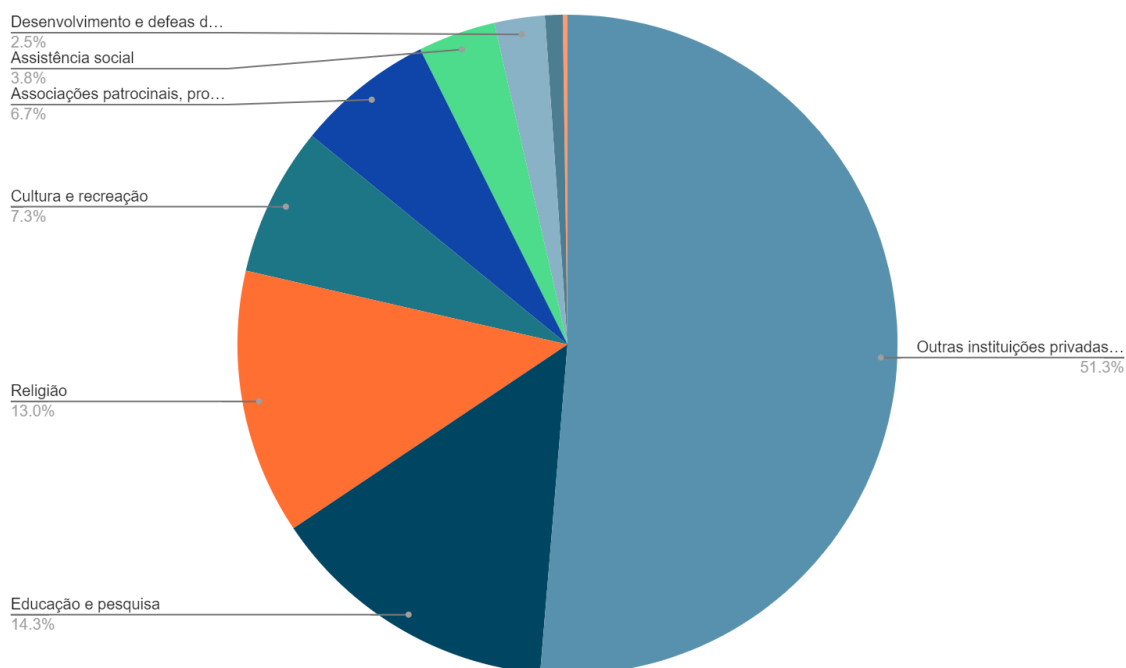
Figura 3 – Classificação das Fundações privadas e associações sem fins lucrativos de Joinville



Fonte: Adaptado do IBGE (2016)

Em relação às associações sem fins lucrativos, são 1.738 entidades no total. Com a classificação: 15 associações de saúde; 127 associações de cultura e recreação; 248 associações de educação e pesquisa; 66 associações de assistência social; 226 associações de religião; 117 associações de partidos políticos, sindicatos, associações patronais e profissionais; 4 associações de meio ambiente e proteção animal; 43 de associações e defesa de direitos; e 892 outras instituições privadas sem fins lucrativos, conforme descrito na Figura 02.

Figura 4 – Classificação das Entidades sem fins lucrativos de Joinville



Fonte: Adaptado do IBGE (2016)

Algumas das iniciativas e projetos desenvolvidos com o apoio ou através dessa associação tornam o ambiente de Joinville mais fértil para a geração de conexões que impulsionam o desenvolvimento sustentável. Um exemplo é o Startup Weekend, evento que busca fomentar o empreendedorismo através de maratona de ideação de startups na prática. Outro evento realizado com frequência é a Jornada do Empreendedorismo, Desenvolvimento e Inovação, que potencializa negócios com possibilidade de crescimento e replicabilidade.

Duas ações em nível coletivo também foram efetuadas em 2017. A primeira é chamada de #Jlle30, que, através da participação de 378 pessoas, listou pontos fortes, ameaças, aspirações e estratégias para que os quatros eixos: cidade fluida e funcional; cidade conectada, criatividade e empreendedora; cidade verde e sustentável; cidade humana e atrativa (Prefeitura de Joinville, 2018). E a outra é o Pacto pela Inovação, instrumento que mais de 49 organizações assinam para promover a ciência, tecnologia, inovação, empreendedorismo e educação no município (Cidade de Joinville, n.d.). A criação e lançamento do Fab Lab Joinville, ocorre em simultâneo com todas essas ações, como será melhor desenvolvido no próximo subcapítulo.

Joinville tem se destacado como uma cidade inteligente devido à adoção de tecnologias e iniciativas que promovem a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, a eficiência dos serviços públicos e o desenvolvimento sustentável. Diversas ações e projetos têm contribuído para essa transformação, a cidade foi reconhecida com o Prêmio InovaCidade2023⁴.

3.2.1 Fab Lab e inovação social no contexto da Covid-19

A criação e lançamento do Fab Lab Joinville ocorreu em 09 de junho de 2016 com um conselho diretor composto por 10 conselheiros voluntários. Desde o seu surgimento, a associação está conectada à rede Fab Lab Global. A rede Fab Lab é oriunda do Center for Bits and Atoms do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). Atualmente abrange mais de 500 laboratórios em 70 países. Tem por objetivo ser um ambiente para prototipagem e fabricação digital. O lema é “Aqui você pode construir (quase) qualquer coisa!”. Os Fab Labs que existem pelo mundo podem ser gerenciados por entes públicos ou privados, não tendo obrigatoriedade de ser de natureza educacional (The Fab Foundation, n.d.).

O movimento maker, responsável pelo surgimento dos Fab Labs, tem suas raízes na comunidade hacker e se caracteriza por uma abordagem descentralizada que encoraja a construção, fabricação, reforma ou reparação de uma variedade de objetos e projetos por qualquer pessoa, seguindo a cultura do faça-você-mesmo. Os Fab labs são ambientes criados que buscam disseminar esse movimento e possibilitar a experimentação de novas ideias (BURTET, 2019).

Embora suas raízes possam ser traçadas ao longo da história, a cultura maker ganhou força com o avanço da tecnologia digital e o surgimento de ferramentas acessíveis, como impressoras 3D e cortadoras a laser. Foi nos Estados Unidos, na década de 2000, que o movimento maker começou a se consolidar, impulsionado por espaços de colaboração e compartilhamento de recursos conhecidos como fab labs e hackerspaces (Anderson, 2012)

No Brasil, a cultura maker teve um crescimento significativo na última década. O movimento ganhou força com a disseminação dos hackerspaces e dos

⁴ Disponível em:
<https://www.joinville.sc.gov.br/noticias/joinville-vence-premio-nacional-de-cidades-inteligentes/>

fab labs em diversas regiões do país, além do apoio de iniciativas governamentais e educacionais que incentivam a cultura maker como uma forma de promover a inovação e o empreendedorismo (Guerra et al., 2016). Esses espaços oferecem acesso a ferramentas e equipamentos, como impressoras 3D, cortadoras a laser e máquinas de Controle Numérico Computadorizado, chamadas de CNC, além de proporcionar um ambiente colaborativo para troca de conhecimento e experiências entre os makers.

O Fab Lab Joinville teria, inicialmente, a instalação física seria junto à Fundação Municipal Albano Schmidt, de ensino profissionalizante, mas por problemas estruturais mudou-se, em fevereiro de 2017, para um prédio tombado que pertence à Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e também abrigava a Softville - incubadora de startups. Durante os quase quatro anos seguintes, o Fab Lab realizou oficinas diversas como: Tecnologia é coisa de menina, Code Like a Girl, Mini-Jardim e Mulheres na tecnologia. Foi também endereço para alguns clubes: Clube de Computação Aplicada, Clube de Impressão 3D, Clube de Eletrônica e Arduino, Clube de Fotografia e Vídeo Maker, Clube de robótica, Clube de marcenaria moderna. Além disso, realizou projetos sociais, como o Scratch nas Escolas, de programação para escolas públicas e o Archeotech, em parceria com o Museu Arqueológico Sambaqui de Joinville, reproduziram artefatos arqueológicos utilizando impressão 3D, conforme Figura 03.

Figura 5 - Imagens do projeto Archeotech



Fonte: Fab Lab Joinville, n.d.

Com a decretação da pandemia de Covid-19, o Fab Lab Joinville manteve o seu laboratório físico fechado, mas criou a *Makers Network*, uma rede de comunidades de tecnologia, que não se limita apenas a pessoas da região de Joinville e funciona através do aplicativo *Discord* - um aplicativo gratuito de comunicação. Com o agravamento da pandemia e dificuldade na compra de equipamentos de proteção individual, o Fab Lab Joinville organizou 3 ações diferentes. A primeira foi de produzir *face shields*⁵ para os trabalhadores da área da saúde. Através da mobilização de empresas, universidades e pessoas que possuíam máquinas de impressão 3D, organizou uma força-tarefa para a impressão e montagem de 1.400 unidades do equipamento de proteção individual, que foram destinadas à Secretaria Municipal de Saúde de Joinville para distribuição adequada, demonstrada na Figura 4.

⁵ Face Shields são protetores faciais, um equipamento de proteção individual que protege todo o rosto do usuário.

Figura 6 - Exemplo de face shield produzido pelo Fab Lab Joinville



Fonte: nsc, 2020

A segunda ação ocorreu em abril de 2020, a Prefeitura de Joinville fez o primeiro contato para solicitar ajuda na coordenação de um programa que realizasse os agendamentos da campanha de vacinação da gripe para idosos, que desmembrou-se também no agendamento para testes rápidos da Covid-19 fornecidos pela prefeitura. O programa foi desenvolvido e entregue conforme solicitação do poder público.

A terceira ação aconteceu no final de 2020, com o avanço da vacinação no Brasil, a prefeitura de Joinville entrou em contato novamente para desenvolvimento de solução que não causasse aglomerações ou filas durante a aplicação da vacina contra a Covid-19. Após a solicitação, um grupo de voluntários se uniu e realizou um “hackathon” - maratona que reúne profissionais de diferentes áreas para solucionar um desafio. Os encontros ocorrem no *Discord*, junto com a comunidade *Makers Network*. A Figura 5 mostra as telas de visualização do Agenda Saúde pelo cidadão, com configurações visuais amigáveis.

Figura 7 - Visão das telas do programa Agenda Saúde Joinville



Fonte: *print screen*, adaptado de Fachini, A. R. para Fab Lab Joinville, (2021)

Em 19 de março de 2021, a partir do Chamamento Público 002/2021 (Prefeitura de Joinville, 2021), o Fab Lab Joinville passa a ser a entidade mantenedora do projeto, bancando os custos de infraestrutura necessária e realizando a gestão de desenvolvimento de projeto, a gestão ocorreu de maneira integrada com o time de Tecnologia da Informação da Prefeitura de Joinville. Além de realizar o agendamento, o projeto também prevê a análise dos dados, a partir de dashboards, para melhor tomada de decisão da Secretaria de Saúde.

A Figura 6 mostra o painel de informações derivados do Agenda Saúde, com informações de quais grupos foram vacinados, qual tipo de vacina e porcentagem da população vacinada.

Figura 8 - Visão do Painel de Informações do Agenda Saúde



Fonte: *print screen*, adaptado de Fachini, A. R. para Fab Lab Joinville, (2021)

O sistema foi desenvolvido em código aberto, ou seja, qualquer um pode replicá-lo e utilizá-lo⁶. Foram realizados testes na Central de Imunização - espaço dedicado exclusivamente para a aplicação de vacina contra a Covid-19, que funcionou no período de fevereiro de 2021 até março de 2022.

⁶ O código fonte do projeto está disponível em: <https://github.com/MakersNetwork/agenda-saude>

4. RESULTADO

4.1 PERFIL DOS VOLUNTÁRIOS DO FAB LAB JOINVILLE

O perfil dos voluntários que participaram do projeto Agenda Saúde revela algumas características distintas em comparação ao perfil da população brasileira em geral. A maioria dos voluntários se identificou como do gênero masculino (81,3%) e estava na faixa etária de 30 a 39 anos (56,3%). Além disso, a maioria dos voluntários possuía ensino superior completo (68,8%), não praticava nenhuma religião específica (87,5%) e não tinha filhos (93,8%).

Em relação ao setor de trabalho, a maioria dos voluntários estava empregada no setor de serviços (58,3%) e ocupava cargos de analista (75%). No que diz respeito à renda, mais da metade dos voluntários recebia mais de dez salários mínimos (56,3%). É importante ressaltar que o perfil dos voluntários do Agenda Saúde difere do perfil médio da população brasileira em termos de gênero, escolaridade e renda.

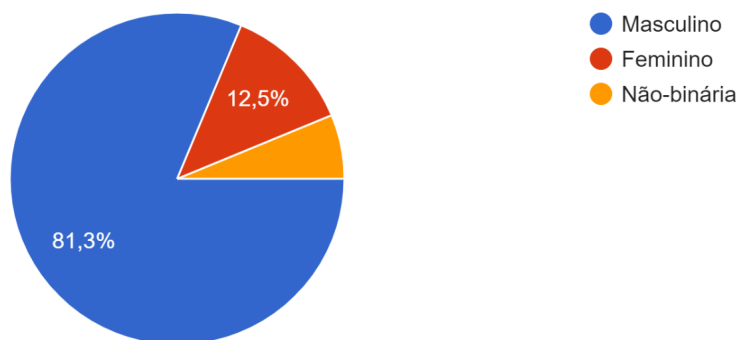
No que se refere à experiência prévia de voluntariado, cerca de um terço dos voluntários (31,3%) relataram que o Agenda Saúde foi a sua primeira experiência nesse âmbito. Atualmente, a maioria dos voluntários (68,8%) não está envolvida em outras atividades voluntárias. Dos que praticam, a maioria dedica de uma a quatro horas ao voluntariado (25%).

É importante notar que, em relação à faixa etária, os voluntários do Agenda Saúde apresentaram uma distribuição semelhante ao perfil da população brasileira, com a maioria situada na faixa de 30 a 49 anos (40% no perfil Brasil e 62,6% no Agenda Saúde).

Essas informações sobre o perfil dos voluntários do Agenda Saúde fornecem uma visão abrangente das características demográficas e socioeconômicas dos participantes, destacando as diferenças em relação ao perfil médio da população brasileira.

Em contraste com o perfil de voluntários da ONU e da América Latina, que são predominantemente mulheres (53%), e com o perfil brasileiro, que também apresenta uma maioria feminina (51%), a maioria dos participantes do Agenda Saúde foi composta pelo sexo masculino (81,3%), seguido por mulheres (12,5%) e pessoas não binárias (6,3%), conforme evidenciado pelo gráfico a seguir:

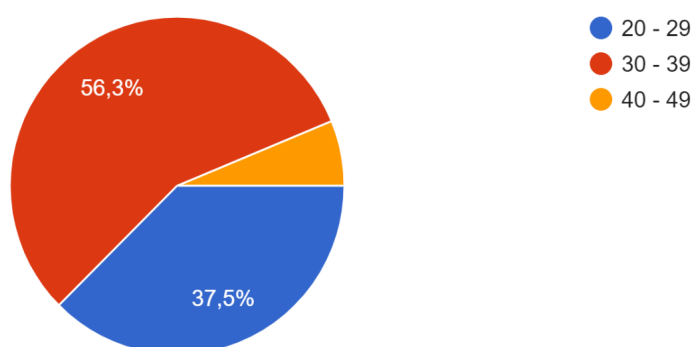
Figura 9 - Gráfico do gênero dos participantes do Projeto Agenda Saúde



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A maioria dos participantes do estudo encontra-se na faixa etária entre 30 e 39 anos (56,3%). Além disso, indivíduos entre 20 e 29 anos correspondem a 37,5% dos participantes, enquanto aqueles com idade entre 40 e 49 anos representam 6,3%. Não houve participação de pessoas em outras faixas etárias, como é possível visualizar no gráfico abaixo. É importante ressaltar a semelhança entre a idade média dos voluntários da ONU (34 anos) e da média latino-americana (37,5 anos). Entretanto, difere da distribuição de idade dos voluntários brasileiros, na qual 40% se encontram na faixa etária de 30 a 40 anos.

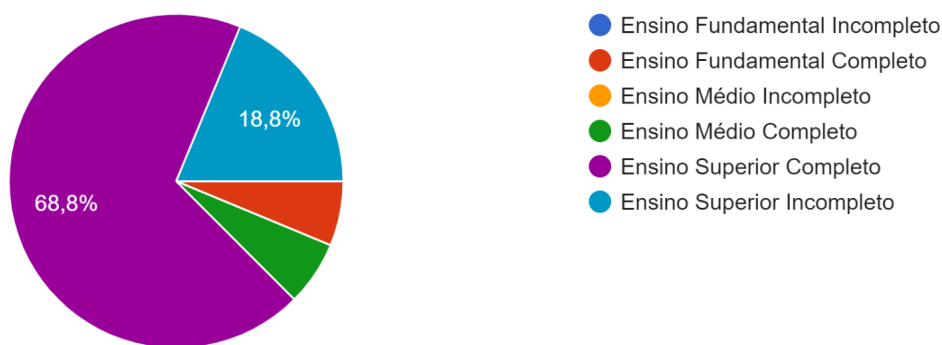
Figura 10 - Gráfico das faixas etárias dos participantes do Projeto Agenda Saúde



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Os resultados indicam que a maioria dos participantes (68,8%) possui ensino superior completo (graduação). Em relação ao ensino superior incompleto são 18,8%, seguido de 6,3% que possuem ensino médio completo e outros 6,3% possuem ensino fundamental completo, demonstrado no gráfico adiante. Quando comparado com o perfil do voluntário latino-americano, o qual apresenta uma diversidade em relação ao grau de escolaridade, com 33% possuindo ensino primário, 33% ensino secundário e 33% ensino universitário, pode-se notar diferenças significativas. Da mesma forma, há diferenças quando comparado com o perfil do voluntário brasileiro, no qual 50% possuem ensino médio completo.

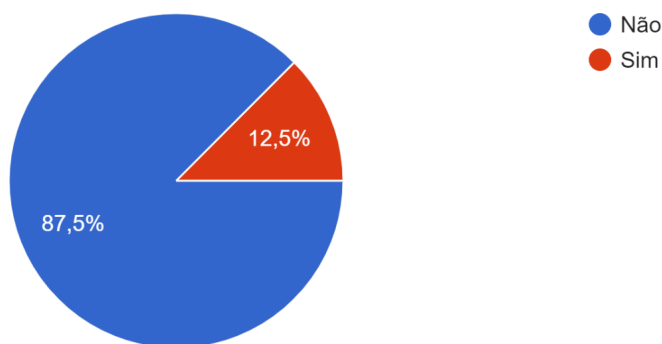
Figura 11 - Gráfico da escolaridade dos participantes do Projeto Agenda Saúde



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Quando questionados sobre a prática de alguma religião, a maioria dos participantes (87,5%) afirmou não praticar nenhuma. Por outro lado, 12,5% afirmaram praticar algum tipo de religião, conforme ilustrado no gráfico apresentado.

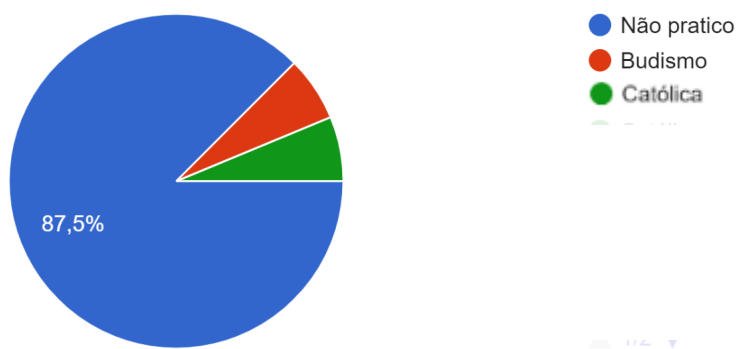
Figura 12 - Gráfico dos participantes que praticam alguma religião do Projeto Agenda Saúde



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Dos voluntários que participaram do estudo Agenda Saúde, 12,5% praticam algum tipo de religião, destes, 6,3% praticam o budismo e 6,3% praticam o catolicismo, demonstrado no gráfico a seguir. É importante destacar que tais resultados diferem do perfil do voluntário brasileiro, onde 34% afirmaram praticar o catolicismo.

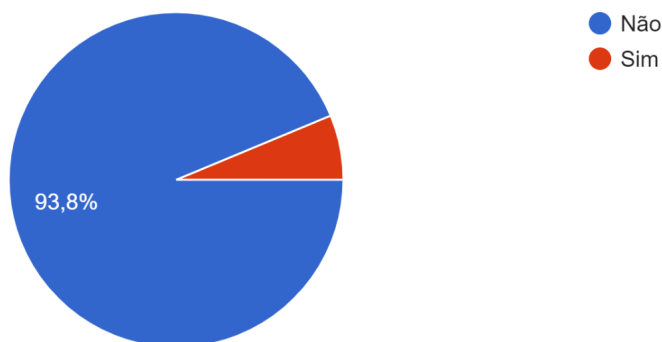
Figura 12 - Gráfico da religião dos participantes do Projeto Agenda Saúde



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Como se pode visualizar no gráfico abaixo, 93,8% dos participantes do estudo não possuem filhos. Não se encontrou dados de comparação nas pesquisas utilizadas, em relação ao perfil do voluntariado da ONU, América Latina e Brasil.

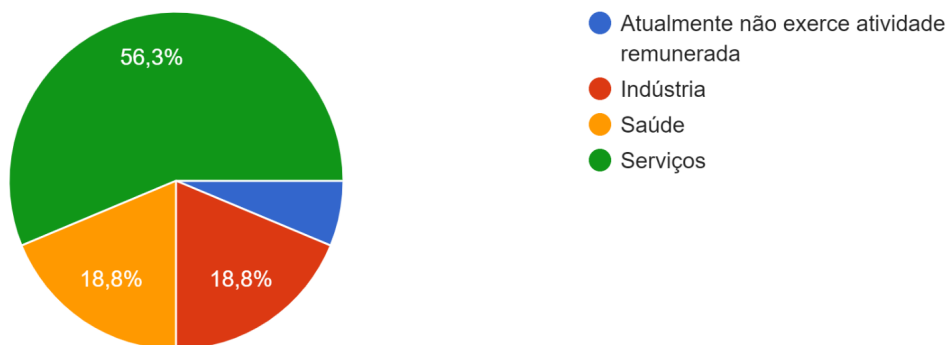
Figura 13 - Gráfico dos participantes do Agenda Saúde que são pais



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Conforme ilustrado no gráfico a seguir, 8,3% dos participantes afirmaram não exercer atividade remunerada, enquanto 18,8% trabalham na indústria e outros 18,8% atuam na área de saúde. A maioria dos participantes (56,3%) trabalha no setor de serviços.

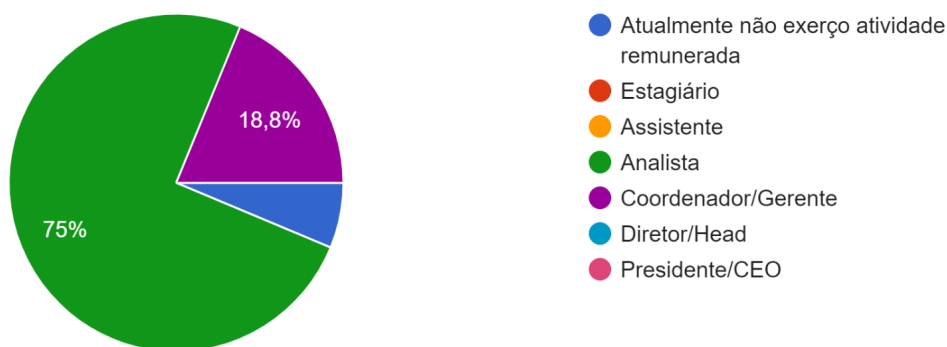
Figura 14 - Gráfico do setor de trabalho dos participantes do Projeto Agenda Saúde



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Em relação ao cargo ocupado pelos participantes, a maioria (75%) exerce a função de analista. Cargos de cooperação e gerência representam 18,8% dos participantes, enquanto 6,3% não exercem atividade remunerada, de acordo gráfico abaixo.

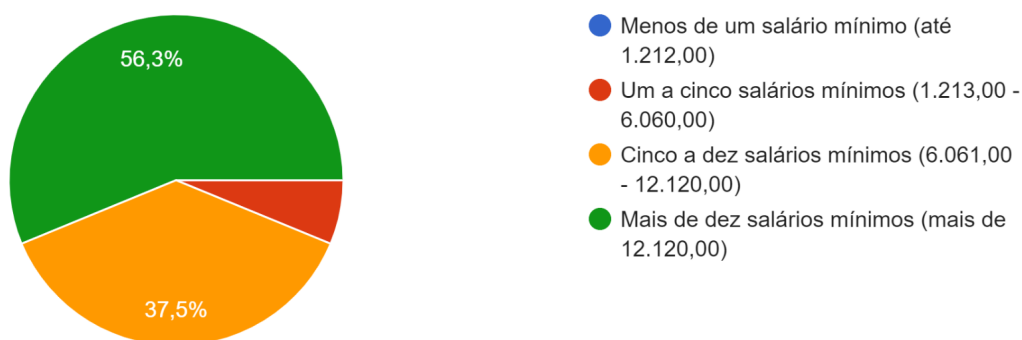
Figura 15 - Gráfico do cargo dos participantes do Projeto Agenda Saúde



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A maioria dos participantes desta pesquisa (56,3%) possui uma renda familiar superior a dez salários mínimos, seguido por 37,5% que possuem renda entre cinco e dez salários mínimos⁷, e 6,3% com renda entre um e cinco salários mínimos. É importante destacar que a distribuição de renda entre os participantes desta pesquisa apresenta diferenças significativas em relação ao perfil médio do voluntário brasileiro, onde a maioria (41%) possui renda entre dois e cinco salários mínimos.

Figura 16 - Gráfico da renda familiar dos participantes do Projeto Agenda Saúde

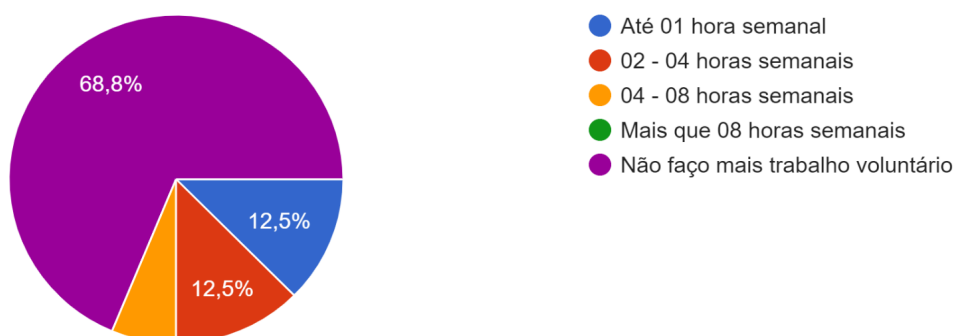


Fonte: Elaborado pela autora (2023)

⁷ O salário mínimo era de R\$ 1.212,00 no período da pesquisa

Conforme ilustrado no gráfico 09, é possível observar que a maioria dos participantes da pesquisa (68,8%) não realizam mais trabalho voluntário. Por outro lado, 12,5% dos participantes dedicam até 1 hora semanal para o voluntariado, 12,5% dedicam até 04 horas semanais e 6,3% entre 04 e 08 horas semanais para o trabalho voluntário.

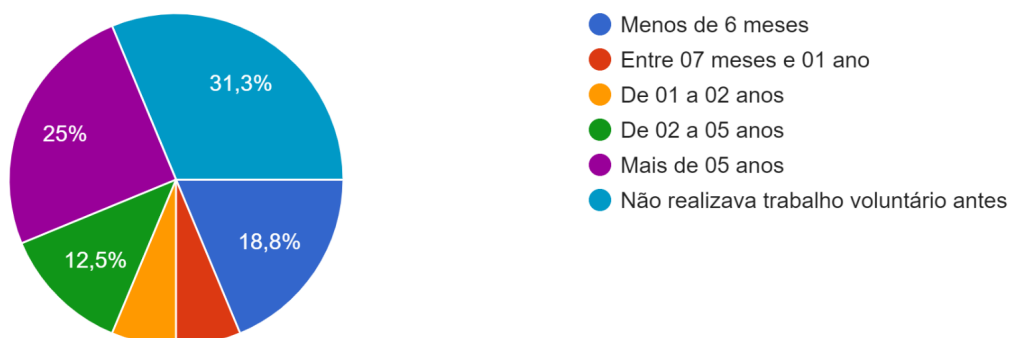
Figura 17 - Gráfico da quantidade de horas de trabalho voluntário por semana dos participantes do Projeto Agenda Saúde



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

O Agenda Saúde foi o primeiro trabalho voluntário para 31,3% dos participantes, enquanto 25% já realizavam trabalhos voluntários há mais de 5 anos. Além disso, 18,8% estavam praticando voluntariado há menos de 6 meses, 12,5% atuavam como voluntários entre 2 a 5 anos, 6,3% entre 1 e 2 anos, e 6,3% entre 7 meses e 1 ano, as informações estão representadas no gráfico a seguir.

Figura 18 - Gráfico do histórico de trabalho voluntário dos participantes do Projeto Agenda Saúde



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Ao analisar o perfil do setor de trabalho do voluntariado, torna-se relevante comparar com o perfil dos profissionais de tecnologia no Brasil. Conforme pesquisa conduzida pela empresa Revelo⁸ com mais de 33.000 profissionais de tecnologia entre janeiro e dezembro de 2021, observou-se que 83,3% são homens e 12,3% são mulheres, estando em consonância com os participantes do Agenda Saúde, onde 81,3% se identificam como homens. Em relação à escolaridade, 64% dos profissionais de tecnologia possuem pelo menos ensino superior, assemelhando-se ao perfil do voluntariado do Agenda Saúde, onde 68,8% possuem ensino superior completo. Já em termos de renda, o valor médio da renda dos profissionais de tecnologia é de 6,5 salários mínimos, o que difere dos 56,3% dos participantes do Agenda Saúde que recebem mais de dez salários mínimos, mas se aproxima dos 37,5% dos participantes que possuem renda entre cinco e dez salários mínimos.

8

https://assets-global.website-files.com/5e665d441fbc681e68fe21f6/6320862cded8c350aa468ebd_Relato%CC%81rio_Pessoas%20Desenvolvedoras_2021-final.pdf

4.2 MOTIVAÇÕES DOS VOLUNTÁRIOS DO FAB LAB

Este subcapítulo examina as motivações dos voluntários envolvidos no Fab Lab, com o objetivo de compreender os principais fatores que impulsionaram a participação e manutenção dos mesmos no projeto Agenda Saúde. Volta-se a atenção para as motivações que levam os indivíduos a dedicarem seu tempo e esforço nesse ambiente de colaboração e inovação. Compreender o que motiva os voluntários a se envolverem nesse contexto específico permite identificar fatores-chave que podem impulsionar o engajamento e promover um ambiente propício para o crescimento pessoal e profissional dos participantes.

4.2.1 Contexto de inserção no voluntariado

Nesta pesquisa, foram conduzidas entrevistas semi-estruturadas com os voluntários do programa Agenda Saúde, com o intuito de compreender de forma aprofundada as motivações e experiências da participação voluntária em um projeto de inovação social.

Questionados acerca do cenário no qual iniciaram sua participação em trabalhos voluntários (que precederam o Agenda Saúde), bem como os meios pelos quais os indivíduos foram integrados a tais iniciativas. Foi observado que, em sua maioria, o processo de integração no voluntariado estava intrinsecamente ligado aos grupos sociais dos quais faziam parte (tais como igreja, família ou círculo de amigos). Tendo as respostas como base, classificam-se esses contextos iniciais em cinco categorias primárias.

No primeiro deles, cinco entrevistados mencionaram que o seu primeiro trabalho voluntário foi através da caridade - em eventos beneficentes ou distribuição de mantimentos para pessoas em vulnerabilidade social. Todos os participantes desse grupo foram inseridos pela influência de sua família ou por meio de instituições religiosas, como igrejas.

Quatro entrevistados mencionaram que seu primeiro trabalho voluntário estava relacionado à tecnologia. Nesses casos, o interesse surge da interação com comunidades online e do desejo de contribuir através de suas habilidades técnicas. Um entrevistado esteve à frente de movimentos em busca da equidade de gênero na área da tecnologia, outro buscou ampliar e compartilhar o conhecimento na área

da tecnologia e dois citaram que trabalharam com código aberto. Em relação à inserção no trabalho voluntário, nesse caso, aconteceram por motivos diferentes: relações interpessoais (amigos), através das redes sociais ou iniciaram de maneira autônoma, ou seja, iniciaram o trabalho voluntário por conta própria.

Dois entrevistados relataram que sua motivação para ingressar no trabalho voluntário estava relacionada a movimentos sociais. Com o interesse em participar ativamente de causas que consideram importantes, esses entrevistados também indicaram que não foram inseridos por ninguém específico, mas buscaram essa participação por conta própria. Um deles mencionou que começou sendo voluntário pois sentia a necessidade de pertencer a um grupo: “Começou acho que como uma forma de me incluir em algum grupo assim, né? Porque mudei bastante de escola assim por causa do trabalho dos meus pais, nunca tive um grupo de amigos” (Voluntário 01, comunicação pessoal, 18 de novembro de 2022).

Outro entrevistado se envolveu com projetos de educação, ao ser professor voluntário em diferentes situações. Neste caso, a inserção ocorreu pela experiência, pois quando mais jovem foi ajudado por projetos semelhantes ao que atuou. Por fim, para quatro entrevistados o Agenda saúde foi o primeiro trabalho voluntário.

Em suma, os entrevistados apresentaram contextos diversos de inserção em trabalhos voluntários. Eles envolveram o desejo de pertencer a um grupo, praticar a caridade, contribuir para causas sociais, compartilhar habilidades técnicas, interagir com comunidades online de código aberto e influência familiar na introdução ao voluntariado.

Antes de analisar as respostas acerca de como souberam do projeto Agenda Saúde, é preciso entender como se deu a interação entre prefeitura e Fab Lab. Durante as entrevistas, um dos entrevistados, funcionário da prefeitura, relatou que a ideia inicial surgiu quando o secretário de saúde da época identificou a necessidade de otimizar o agendamento e a distribuição das vacinas contra a Covid-19. Então, ele procurou o time de tecnologia responsável, à época, na prefeitura, para discutir a possibilidade de criar um site ou solução tecnológica que melhorasse a coordenação e foco nos grupos prioritários. A primeira opção foi verificar com a empresa que já prestava serviço para prefeitura, conforme descreve um dos entrevistados:

"Nosso primeiro canal (para encontrar a solução) foi procurar a empresa que já desenvolve o software e atendia a prefeitura, para ver se teriam uma solução ou conseguiriam desenvolver, uma solução assim a toque de caixa. Mas o contrato deles não previa esse desenvolvimento. Não era possível eles pararem de fazer o que já estavam fazendo (prontuários eletrônicos), porque a demanda já tinha aumentado muito. Então eles sinalizaram negativamente. Não seria possível, e uma concorrência não daria para abrir porque a gente levaria pelo menos seis meses no mínimo para poder ter essa empresa ou outra e lutar por uma dispensa de licitação é uma coisa muito mais complexa" (Voluntário 14, Comunicação pessoal, 26 janeiro de 2023).

Nesse contexto, dois dos entrevistados (que, em 2020, também eram servidores da prefeitura de Joinville) formaram a equipe de desenvolvimento inicial. No entanto, perceberam que o projeto demandaria conhecimentos em programação que a equipe inicial não possuía integralmente. Foi então que o Voluntário 02 lembrou do Fab Lab (por já ter participado de algumas ações e eventos que aconteceram na associação) e compartilhou o desafio que estavam enfrentando.

O voluntário com quem foi compartilhada a ideia inicial, mostrou interesse em ajudar e, no dia seguinte, apresentou o projeto aos colegas de trabalho de uma empresa de tecnologia da região. Vale destacar que esta empresa possui uma cultura de tempo de investimento, ou seja, os colaboradores podem utilizar 1h30 diária para autodesenvolvimento ou participação em projetos pessoais ou voluntários. A liderança da empresa, ao ter conhecimento da necessidade da Secretaria de Saúde, disponibilizou tempo para a participação no projeto. Os interessados se voluntariaram para colaborar no desenvolvimento do sistema e, por entenderem a complexidade do desafio e o prazo apertado para entrega, abriram o convite para participação de maneira pública (via redes sociais do Fab Lab) e definiram que o Fab Lab seria a instituição responsável, por se tratar de uma associação sem fins lucrativos.

Voltando às perguntas, ao analisar as respostas dos voluntários do Agenda Saúde em relação a forma que souberam do projeto, podemos identificar cinco fontes de informação e canais de divulgação que contribuíram para o conhecimento e envolvimento dos voluntários: relações interpessoais, trabalho, redes sociais, universidade e eventos de tecnologia. No que diz respeito às relações interpessoais, quatro entrevistados mencionaram que souberam do projeto por meio de amigos ou contatos pessoais, destaca-se a relevância da comunicação interpessoal no processo de disseminação de informações, é possível observar que as

recomendações provenientes do círculo social mais próximo desempenharam um papel significativo ao fomentar o interesse e estimular a participação dos sujeitos entrevistados

Oito entrevistados souberam do Agenda Saúde em seus locais de trabalho, destes, dois eram servidores públicos e atuavam como ponte entre o órgão técnico (Secretaria de Saúde) e o projeto desenvolvido pelo Fab Lab. Sua participação e dedicação além do expediente comercial foram cruciais para o funcionamento da interação entre os sistemas. Os outros seis participantes foram pelo incentivo da liderança da empresa local de tecnologia citada anteriormente. Essa disseminação do projeto no ambiente de trabalho reflete a importância do engajamento corporativo em projetos de inovação social.

Dois entrevistados relataram que tomaram conhecimento do projeto por meio de plataformas online⁹ durante o chamamento público realizado. A presença nas redes sociais permitiu ampla divulgação e alcance de pessoas interessadas em participar de iniciativas de inovação social.

Duas pessoas mencionaram a universidade como meio pelo qual tiveram conhecimento do projeto, destacando a relevância das instituições de ensino superior na divulgação e engajamento em iniciativas de inovação social. Esses dois entrevistados eram os mais jovens do projeto. Por fim, um voluntário relatou que ficou sabendo do projeto por meio de um evento de tecnologia chamado Hacktoberfest, o que demonstra a influência positiva de eventos desse tipo na divulgação e engajamento em projetos de inovação social.

Quando perguntados sobre o contexto de vida em que estavam no momento em que começaram a participar do Agenda Saúde, todos os participantes referiram o isolamento social vigente, decorrente da pandemia de Covid-19. Oito deles destacaram o fato de estarem isolados como fator de extrema importância para iniciarem sua participação, conforme vemos na fala da Voluntária 8 : “Então eu tava só trabalhando. Tentando sobreviver, ainda mais diabética cheia de problemas, completamente isolada.” (Voluntário 08, comunicação pessoal, 18 de janeiro de 2023). No mesmo sentido, o Voluntário 5 destacou o seu tempo livre:

Eu moro sozinho, eu tava bem isolado. E aí eu acabava dedicando meu tempo livre para as coisas de tecnologia, como eu sempre fiz antes da

⁹ Como Facebook, Instagram e Twitter.

pandemia, mas eu saía mais com meus amigos antes da pandemia, né? E aí eu ficava só em casa e foi um oportunidades para poder exercer esse tipo de coisa, de atividade assim. (Voluntário 05, comunicação pessoal, 20 de dezembro de 2022)

Além disso, vários entrevistados mencionaram que a situação da pandemia despertou em si um senso de urgência e a necessidade de contribuir de alguma forma para enfrentar a crise de saúde pública:

“Tipo a gente por muito tempo meio que ficou meio que de mãos atadas, né assim a mercê do que ia se decorrer, com a situação da pandemia. E quando veio essa oportunidade de participar de um projeto que é uma área que eu tenho um certo domínio e poderia ajudar de forma significativa na questão local, poxa para mim foi... eu preciso participar eu quero muito fazer alguma coisa, até porque eu me formei na UDESC¹⁰, na universidade pública, então eu senti também que precisava retribuir para a sociedade de alguma forma, né? Já que, afinal, todo mundo pagou meus estudos, de certa forma.” (Voluntário 02, comunicação pessoal, 22 de novembro de 2022)

Alguns destacaram que a pandemia trouxe uma sensação de impotência diante dos desafios enfrentados, e o projeto Agenda Saúde proporcionou uma oportunidade de agir e fazer a diferença. Essa compreensão pode ser exemplificada pela fala do voluntário 4, conforme trecho a seguir:

"Quando veio essa oportunidade do agenda de saúde, foi um pouco de vazão para isso, assim porque pô.. sim eu estou em casa, mas eu tô fazendo alguma coisa para ajudar, né? [...] eu queria muito fazer parte daquilo que tava acontecendo no sentido que eu não queria ter sido só mais uma pessoa que passou” (Voluntário 04, comunicação pessoal, 19 de dezembro de 2022).

A disponibilidade de tempo durante a pandemia também foi vista como uma oportunidade para contribuir de forma mais significativa em um projeto voltado para a saúde. O voluntário 5 destacou essa questão, conforme o trecho a seguir: “Eu acho que no caso da pandemia, teve essa questão de eu ter mais disponibilidade, mas ao mesmo tempo é um impacto muito grande” (Voluntário 05, comunicação pessoal, 20 de dezembro de 2022).

No entanto, houve também cinco entrevistados que enfatizaram que a pandemia não foi o único fator motivador para a participação no projeto. Alguns mencionaram o interesse específico na área da saúde ou na linguagem de programação utilizada, enquanto outros destacaram o desejo de participar de algo

¹⁰ Universidade Estadual de Santa Catarina

que consideravam histórico e transformador. Nesse sentido, 5 entrevistados expressaram que, mesmo sem a pandemia, eles estariam dispostos a participar de um projeto semelhante, destacando o seu interesse em contribuir voluntariamente para causas que consideram relevantes, como explica o Voluntário 11: "A pandemia foi só um dos fatores, mas eu gosto de fazer os projetos voluntários, eu gosto de ver eles crescerem" (Comunicação pessoal, 24 de janeiro de 2023).

Os entrevistados descreveram suas funções no Agenda Saúde em resposta a questionamentos, revelando semelhanças no conhecimento técnico e uma complementaridade nas atividades. Identificaram-se três grupos principais: o primeiro consistiu nos entrevistados que atuaram como intermediários entre instituições como a Prefeitura de Joinville, a Secretaria de Saúde e empresas patrocinadoras, exemplificado pelo entrevistado V1, desempenhando funções de comunicação e coordenação. O segundo grupo compreendeu aqueles que desempenharam um papel crucial pois também atuavam como servidores da Prefeitura de Joinville, facilitando a compreensão das necessidades estruturais e técnicas para o desenvolvimento do sistema. Além disso, um contingente significativo de 12 entrevistados concentrou-se no desenvolvimento do sistema, englobando tarefas como desenvolvimento do código, design de interface, implementação de interações e manutenção do banco de dados, cada um trazendo competências técnicas e conhecimentos específicos.

Quando perguntados: "Você participa/participou de algum projeto de inovação social depois do Agenda Saúde?", 10 entrevistados responderam que sim. Esses projetos envolveram a criação de: um núcleo de tecnologia no Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto durante a pandemia que tinha como objetivo promover ações de auxílio, incluindo o ensino de programação e o desenvolvimento de um aplicativo para conectar trabalhadores a oportunidades de emprego; um tira-dúvidas sobre desenvolvimento de código; e um de educação online. É notável que a continuação de trabalhos voluntários dos participantes do Agenda Saúde permeiam, em sua maioria, a área da tecnologia.

Durante as entrevistas, o movimento de código aberto foi citado por diferentes participantes, o código aberto é um modelo de desenvolvimento de software baseado no compartilhamento do código fonte, permitindo que os usuários possam acessá-lo, estudá-lo, modificá-lo e distribuí-lo. O movimento do código aberto tem suas raízes na década de 1980, junto da cultura hacker e do movimento

do software livre. O modelo open source tem sido reconhecido como uma fonte de inovação, permitindo a participação ativa de uma comunidade de desenvolvedores na criação e melhoria contínua do software.

“Nesse movimento, a inovação aparece intimamente associada ao compartilhamento possibilitando pelo open source, que contribui para que um número cada vez maior de pessoas seja capaz de pensar e desenvolver soluções próprias para atender necessidades do seu cotidiano, possibilitando que inovações sejam feitas não apenas por empreendedores formais, mas também por entusiastas, interventores de garagem, artistas e/ou até mesmo curiosos.” (BURTET, 2019 apud COSTA, AGUSTINI, 2014) pg. 21)

De acordo com Steven (1999), as soluções desenvolvidas em código aberto surgem para problemas pessoais dos autores, que acabam por compartilhá-lo, pois o problema torna-se comum. Para o outro, o estado da arte será quando “o software de código aberto irá pertencer a pessoas que iniciem de uma visão individual e brilhante, então amplificando-a através da construção efetiva de uma comunidade voluntária de interesse.” (Steven, 1999 pg. 51). O código aberto vai além do acesso ao código fonte, abrangendo critérios como redistribuição gratuita, código fonte disponível e ausência de discriminação, conforme destacado pela Open Source Initiative (s/d).

Muitos participantes do código aberto são voluntários, contribuem de várias maneiras, como escrevendo código, testando, relatando bugs, traduzindo documentação e oferecendo suporte técnico (Raymond, 2001). A cultura do código aberto é fundamentada em práticas colaborativas, que envolvem a interação e a troca de conhecimento entre os participantes. Mecanismos como fóruns de discussão, listas de e-mails, plataformas de colaboração e sistemas de controle de versão facilitam a colaboração e o compartilhamento de ideias (Crowston & Howison, 2006).

4.2.2 Voluntariado na pandemia

Quando perguntados sobre a principal motivação para participar de um projeto de inovação social durante a pandemia, um dos entrevistados destacou que sua motivação estava relacionada à possibilidade de ver alguém desenvolvendo algo significativo e sentir o desejo de apoiar. Ele mencionou que já havia enfrentado dificuldades em suas próprias iniciativas e sabia o quão desafiador pode ser colocar

ideias em prática. Nesse sentido, ele sentiu uma conexão com os voluntários que estavam trabalhando com energia para desenvolver o projeto. Sua motivação era baseada em experiências pessoais de tentativas anteriores, o que o levou a se identificar com a iniciativa e se comprometer com ela.

A maioria dos entrevistados trouxe o tema da pandemia como parte da motivação principal de ter participado conforme fala abaixo:

“As pessoas estavam realmente morrendo, né? Essa motivação de realmente fazer uma diferença. Talvez se uma pessoa deixasse de morrer porque ela fez o agendamento e recebeu a vacina. Eu acho que essa motivação maior é a entrega final e o resultado final para uma pessoa, para duas pessoas, para 500 mil pessoas que se cadastraram no sistema. A gente fez a diferença então isso foi a maior motivação é olhar aquele cadastro” (Voluntário 14, Comunicação pessoal, 26 janeiro de 2023).

Diferentes entrevistados destacaram o senso de dever com a sociedade, que pode ser exemplificado na fala do Voluntário 05: “eu acho que um senso, assim, senso de dever. Do tipo eu tenho esse conhecimento, eu conheço as pessoas, Joinville tá precisando disso” (Comunicação pessoal, 20 dezembro de 2022).

Dois entrevistados destacaram questões particulares, sendo que um deles não conseguiu agendar a vacinação para um familiar com comorbidades e ao procurar sobre o agendamento, percebeu que poderia ajudar com o erro encontrado no sistema de forma eficaz. Outro voluntário, com comorbidades, explicou: “Era meio que minhas próprias dores, né? Então eu não queria ficar numa fila no meio de uma pandemia, esperando a minha vacina e sendo diabética. Tem as minhas próprias dores e aquela vontade de juntar a tecnologia com a saúde” (Voluntário 08, Comunicação pessoal, 18 janeiro de 2023).

O relato do Voluntário 14 exemplifica a dimensão Valores/Engrandecimento com a camada da pandemia adicionada durante a decisão de fazer parte do projeto:

“Quando eu entrei no projeto disse que a gente vai fazer a diferença aqui em Joinville e a gente vai impactar a vida das pessoas. Eu acho que esse foi o maior ganho e assim é uma coisa que a gente ia mexer com todo mundo independente da renda” (Comunicação pessoal, 26 janeiro de 2023).

Foi observado que a possibilidade de ter um impacto na sociedade e promover mudanças positivas também motivou os participantes, como visto na fala do Voluntário 09: “Acho que mais motivou mesmo foi a parte de tipo tá muito envolvido e preocupada com a covid. Então tava sentindo meio que impotente, foi

uma oportunidade de fazer alguma coisa” (Comunicação pessoal, 19 janeiro de 2023). Eles expressaram o desejo de fazer a diferença e contribuir para a melhoria da saúde e do bem-estar da comunidade. Essa motivação esteve relacionada a vontade de colaborar em um projeto que visava resolver problemas reais, conforme vemos na fala abaixo:

“a parte ali de fazer parte de algo, que as pessoas estavam colaborando era uma coisa que estava realmente emergindo ali, a iniciativa de várias pessoas, que estava se concretizando com uma ferramenta super útil e uma necessidade muito clara para para Joinville” (Voluntário 10, Comunicação pessoal, 23 janeiro de 2023).

Outra motivação mencionada pelos participantes foi a oportunidade de crescimento profissional. Alguns participantes destacaram que a participação no projeto proporcionou a chance de aprender algo novo, adquirir experiência em um contexto diferente do trabalho convencional e desenvolver habilidades específicas relacionadas à área de saúde e tecnologia, conforme fala do Voluntário 12 “a minha motivação era mais para parte profissional, porque o modo de aprender uma coisa nova para minha carreira” (Comunicação pessoal, 24 janeiro de 2023).

A conexão e o relacionamento com outras pessoas também foram mencionados como motivações importantes. Alguns participantes destacaram o desejo de criar vínculos, trabalhar em equipe e se aproximar de pessoas com interesses similares. Conforme fala do Voluntário 13: “as motivações acabaram sendo, a própria situação do Covid todas as questões que envolvem vacina e organização e trabalhar junto com o estado, trabalhar junto com outros voluntários” (Comunicação pessoal, 25 janeiro de 2023), percebe-se que a oportunidade de conhecer outros voluntários, colaborar com eles e estabelecer conexões significativas.

4.3 MOTIVAÇÕES DOS VOLUNTÁRIOS DO AGENDA SAÚDE A PARTIR DO INVENTÁRIO DE FATORES VOLUNTÁRIOS

Para entender as motivações dos voluntários participantes do Agenda Saúde serão analisadas as respostas do Inventário de Fatores Voluntários, bem como as perguntas da entrevista semi-estruturada. Antes de analisar as motivações propriamente ditas, é pertinente destacar que a primeira pergunta da entrevista teve

como objetivo compreender se as afirmações presentes no inventário abrangiam todas as motivações dos entrevistados para sua participação no projeto. A maioria dos entrevistados (12) afirmou que sim, indicando que as opções oferecidas pelo inventário contemplaram adequadamente suas motivações para se envolver no projeto. No entanto, quatro entrevistados expressaram que o inventário foi parcialmente satisfatório, mencionando a falta de contexto relacionado à pandemia - é importante salientar que o instrumento não foi desenvolvido para medição em situações de pandemia ou similares.

A primeira dimensão a ser analisada é a social/engrandecimento, que permite ao indivíduo fortalecer suas relações sociais, proporcionando oportunidades para interações com amigos e envolvimento em atividades valorizadas por pessoas importantes. Além disso, o engajamento voluntário pode contribuir para o crescimento e desenvolvimento psicológico do indivíduo. Essa dimensão reflete motivações relacionadas aos relacionamentos interpessoais. O voluntariado oferece um contexto propício para a construção e fortalecimento de laços sociais, permitindo ao voluntário estar em companhia de amigos e participar de atividades que são valorizadas por indivíduos significativos em sua vida (Clary et al., 1998).

Essa função de enriquecimento do voluntariado vai além das motivações de proteção do ego e sugere que o ego e sua relação com o afeto podem ser influenciados por processos motivacionais mais complexos. Ao contrário da dimensão Proteção que busca eliminar aspectos negativos em torno do ego, a função de enriquecimento envolve um processo motivacional que se concentra no crescimento e desenvolvimento do ego, envolvendo esforços positivos do indivíduo para alcançar esse objetivo (Clary et al., 1998).

Tabela 1 - Frequência relativa de itens da Dimensão Social/Engrandecimento

Participando do trabalho voluntário aprendo a lidar com situações diferentes

	frequência	percentual
Totalmente sem importância	0	0,0%
Nada Importante	0	0,0%
Pouco Importante	0	0,0%
Neutro	0	0,0%
Importante	2	12,5%
Muito Importante	6	37,5%
Totalmente Importante	8	50,0%
Total	16	100,0%

Trabalhar voluntariamente aumenta minha autoconfiança

	frequência	percentual
Totalmente sem importância	0	0,0%
Nada Importante	3	18,8%
Pouco Importante	1	6,3%
Neutro	3	18,8%
Importante	1	6,3%
Muito Importante	2	12,5%
Totalmente Importante	6	37,5%
Total	16	100,2%

Trabalhar como voluntário (a) aumenta minha autoestima

	frequência	percentual
Totalmente sem importância	0	0,0%
Nada Importante	3	18,8%
Pouco Importante	1	6,3%
Neutro	2	12,5%
Importante	3	18,8%
Muito Importante	3	18,8%
Totalmente Importante	4	25,0%
Total	16	100,2%

As pessoas próximas de mim valorizam o trabalho voluntário

	frequência	percentual
Totalmente sem importância	1	6,3%
Nada Importante	2	12,5%
Pouco Importante	2	12,5%
Neutro	0	0,0%
Importante	4	25,0%
Muito Importante	5	31,3%
Totalmente Importante	2	12,5%
Total	16	100,1%

O voluntariado me permite fazer bons amigos	frequência	percentual
Totalmente sem importância	0	0,0%
Nada Importante	2	12,5%
Pouco Importante	2	12,5%
Neutro	4	25,0%
Importante	2	12,5%
Muito Importante	4	25,0%
Totalmente Importante	2	12,5%
Total	16	100,0%

Meus amigos veem o voluntariado como algo importante	frequência	percentual
Totalmente sem importância	3	18,8%
Nada Importante	1	6,3%
Pouco Importante	3	18,8%
Neutro	1	6,3%
Importante	4	25,0%
Muito Importante	2	12,5%
Totalmente Importante	2	12,5%
Total	16	100,2%

O voluntariado me permite criar vínculos afetivos com outros voluntários	frequência	percentual
Totalmente sem importância	1	6,3%
Nada Importante	4	25,0%
Pouco Importante	1	6,3%
Neutro	4	25,0%
Importante	3	18,8%
Muito Importante	0	0,0%
Totalmente Importante	3	18,8%
Total	16	100,2%

Fonte: a autora (2023)

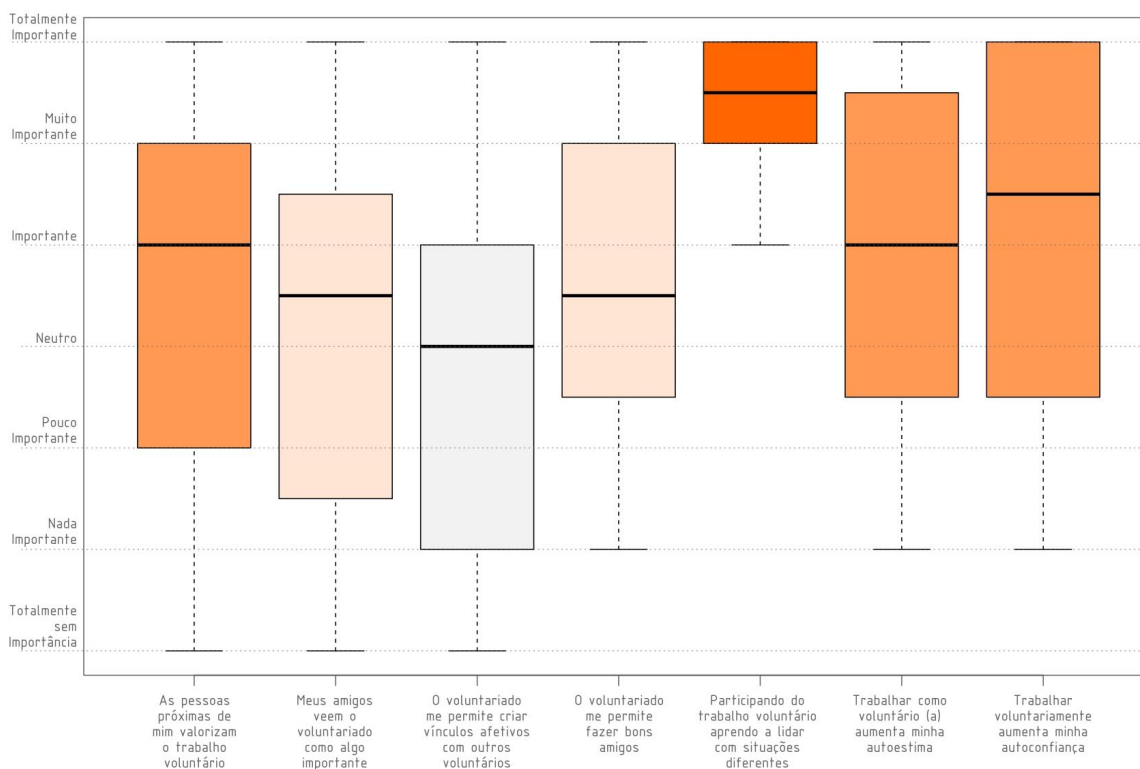
A análise dos dados preenchidos pelos entrevistados revela informações importantes sobre a dimensão social/engrandecimento. No que diz respeito à aprendizagem em lidar com situações diferentes, observou-se que a maioria dos entrevistados (50%) considerou essa questão como totalmente importante para o trabalho voluntário. Além disso, 37,5% dos participantes indicaram que o voluntariado aumenta significativamente sua autoconfiança, enquanto 25% destacaram a importância do voluntariado para aumentar sua autoestima.

Em relação à valorização do trabalho voluntário pelas pessoas próximas, os resultados mostraram que 31,3% dos entrevistados consideraram isso como muito

importante, indicando que o reconhecimento social desempenha um papel relevante na dimensão social/engrandecimento do voluntariado. Adicionalmente, foi constatado que 25% dos participantes atribuíram muita importância à possibilidade de fazer bons amigos por meio do voluntariado, enquanto 25% destacaram que seus amigos veem o voluntariado como algo importante.

No que se refere à criação de vínculos afetivos com outros voluntários, observou-se que 18,8% dos entrevistados consideraram essa questão como importante.

Figura 19 - Boxplot Mediana - Dimensão Social/Engrandecimento



Fonte: a autora (2023)

O gráfico 11 nos mostra a relevância da dimensão social/engrandecimento no voluntariado, demonstrando que os indivíduos atribuem importância significativa aos aspectos relacionados à aprendizagem, autoconfiança, autoestima, reconhecimento social, amizades e vínculos afetivos no contexto do trabalho voluntário. É importante destacar a afirmação “Participando do trabalho voluntário aprendo a lidar com

situações diferentes", que é totalmente importante ou muito importante para 87,5% dos participantes, destacada na cor laranja mais forte na figura.

Ao olhar para o perfil dos participantes do Agenda Saúde, é possível notar uma hegemonia - sendo a maioria homens, brancos, classe média na faixa etária entre 30 e 39 anos. Durante as entrevistas alguns citam sobre situações novas - como entender o funcionamento do poder público municipal, além de interagir com os servidores da saúde, especialmente as enfermeiras (responsáveis pela aplicação de vacinas).

Na entrevista, ao serem questionados sobre a formação de amizades duradouras durante sua participação no projeto Agenda Saúde, 6 dos entrevistados (37,5%) relataram ter estabelecido novas amizades que mantêm contato até o momento atual. Por outro lado, 10 voluntários (62,5%) afirmaram não ter feito novas amizades durante o projeto. No entanto, é importante notar que 3 dos participantes mencionaram que a participação no projeto fortaleceu os laços de amizade existentes. Esses achados evidenciam a natureza variada das interações sociais experimentadas pelos voluntários no contexto do Agenda Saúde, com alguns encontrando oportunidades para estabelecer novas amizades duradouras, enquanto outros não relataram esse resultado. Além disso, destaca-se que a participação no projeto também desempenhou um papel na consolidação de relações pré-existentes, demonstrando os impactos sociais potenciais do envolvimento em iniciativas dessa natureza.

Os resultados do formulário e da entrevista corroboram a importância da dimensão social/engrandecimento no trabalho voluntário, revelando que os participantes buscaram não apenas fortalecer suas relações sociais, mas também experimentar crescimento pessoal e desenvolvimento psicológico. O engajamento voluntário ofereceu um contexto propício para a construção de laços sociais, aprendizagem e valorização por parte das pessoas próximas, enfatizando a relevância das motivações relacionadas aos relacionamentos interpessoais nesse contexto.

A segunda dimensão é a de valores/entendimento, que no contexto do voluntariado é caracterizada pelo foco nas oportunidades que o engajamento voluntário oferece para que os indivíduos expressem valores relacionados a preocupações altruístas e humanitárias em relação aos outros. Essa dimensão envolve a busca por novas experiências de aprendizado e a possibilidade de aplicar

conhecimentos, habilidades e competências que, de outra forma, não seriam utilizados.

Por meio do voluntariado, os indivíduos têm a oportunidade de expressar e agir de maneira significativa em relação a valores importantes, como o humanitarismo. Essa dimensão permite que os voluntários ampliem seu entendimento sobre o mundo e se envolvam em atividades que geralmente não são praticadas no cotidiano. Dessa forma, o voluntariado proporciona um ambiente propício para o desenvolvimento de valores e o aprimoramento do entendimento dos voluntários, ao oferecer oportunidades por meio de experiências práticas.

Tabela 2 - Frequência relativa de itens da Dimensão Valores/Entendimento

Por meio do voluntariado eu posso ajudar a melhorar o mundo

	frequência	percentual
Totalmente sem importância	0	0,0%
Nada Importante	0	0,0%
Pouco Importante	1	6,3%
Neutro	1	6,3%
Importante	2	12,5%
Muito Importante	2	12,5%
Totalmente Importante	10	62,5%
Total	16	100,1%

Gosto de ser prestativo para a sociedade

	frequência	percentual
Totalmente sem importância	0	0,0%
Nada Importante	0	0,0%
Pouco Importante	0	0,0%
Neutro	0	0,0%
Importante	3	18,8%
Muito Importante	7	43,8%
Totalmente Importante	6	37,5%
Total	16	100,1%

Fazer algo de bom a outras pessoas é importante para mim

	frequência	percentual
Totalmente sem importância	1	6,3%
Nada Importante	0	0,0%
Pouco Importante	0	0,0%
Neutro	2	12,5%
Importante	1	6,3%
Muito Importante	2	12,5%
Totalmente Importante	10	62,5%
Total	16	100,1%

Trabalhar voluntariamente faz eu me sentir bem comigo

	frequência	percentual
Totalmente sem importância	1	6,3%
Nada Importante	1	6,3%
Pouco Importante	0	0,0%
Neutro	2	12,5%
Importante	1	6,3%
Muito Importante	5	31,3%
Totalmente Importante	6	37,5%
Total	16	100,2%

O voluntariado me ajuda a compreender como o mundo poderia ser melhor

	frequência	percentual
Totalmente sem importância	0	0,0%
Nada Importante	0	0,0%
Pouco Importante	2	12,5%
Neutro	3	18,8%
Importante	4	25,0%
Muito Importante	2	12,5%
Totalmente Importante	5	31,3%
Total	16	100,1%

No voluntariado eu percebo preconceitos

	frequência	percentual
Totalmente sem importância	2	12,5%
Nada Importante	0	0,0%
Pouco Importante	0	0,0%
Neutro	3	18,8%
Importante	5	31,3%
Muito Importante	2	12,5%
Totalmente Importante	4	25,0%
Total	16	100,1%

Eu me sinto ativo graças ao trabalho voluntário

	frequência	percentual
Totalmente sem importância	1	6,3%
Nada Importante	2	12,5%
Pouco Importante	0	0,0%
Neutro	6	37,5%
Importante	2	12,5%
Muito Importante	2	12,5%
Totalmente Importante	3	18,8%
Total	16	100,1%

Eu aprendo com a carência (afetiva, financeira, psicológica, etc.) do outro

	frequência	percentual
Totalmente sem importância	1	6,3%
Nada Importante	2	12,5%
Pouco Importante	1	6,3%
Neutro	4	25,0%
Importante	3	18,8%
Muito Importante	3	18,8%
Totalmente Importante	2	12,5%
Total	16	100,2%

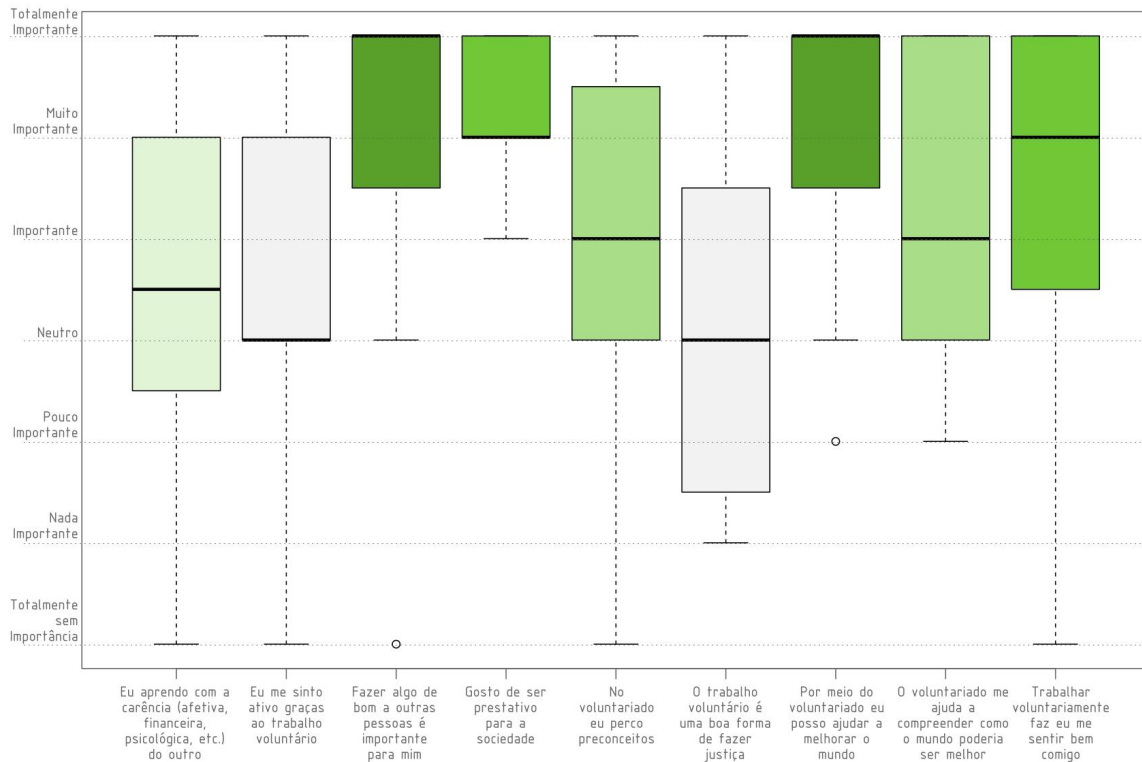
O trabalho voluntário é uma boa forma de fazer justiça	frequência	percentual
Totalmente sem importância	0	0,0%
Nada Importante	4	25,0%
Pouco Importante	2	12,5%
Neutro	4	25,0%
Importante	2	12,5%
Muito Importante	3	18,8%
Totalmente Importante	1	6,3%
Total	16	100,1%

Fonte: a autora (2023)

Os resultados na coleta de dados sobre a dimensão valores/entendimento demonstram que a maioria dos participantes atribuiu uma alta importância a esses fatores. A parcela de 62,5% dos voluntários considerou totalmente importante a possibilidade de ajudar a melhorar o mundo, enquanto 43,8% consideraram muito importante ser prestativo para a sociedade. Além disso, 62,5% dos entrevistados consideraram totalmente importante fazer algo de bom para outras pessoas, em contrapartida 37,5% atribuíram total importância a trabalhar voluntariamente para se sentirem bem consigo mesmos.

Outros aspectos destacados pelos participantes incluem a percepção de que o voluntariado ajuda a compreender como o mundo poderia ser melhor (56,3% consideraram importante ou muito importante) e a superação de preconceitos por meio do voluntariado (56,3% consideraram importante ou muito importante). Além disso, 37,5% dos entrevistados sentem-se ativos graças ao trabalho voluntário e 37,5% afirmaram aprender com as carências dos outros. Em relação ao voluntariado ser uma boa forma de justiça, 37,5% dos voluntários consideraram nada ou pouco importante.

Figura 20 - Boxplot Mediana - Dimensão Valores/Entendimento



Fonte: a autora (2023)

O gráfico 12, indica que os entrevistados reconhecem o valor do trabalho voluntário como uma forma de expressar seus valores altruístas, contribuir para a sociedade e desenvolver uma compreensão mais profunda do mundo. Essa dimensão de valores/entendimento desempenha um papel significativo na motivação e satisfação dos voluntários.

Para 10 entrevistados (62,50%) as habilidades aprendidas não estão na categoria de conhecimentos técnicos, mas sim outras habilidades. Uma delas é o trabalho com o funcionalismo público, conforme descrito pelo Voluntário 14:

“Eu nunca tinha trabalhado de forma direta com o organismo do Estado, então acaba sendo um aprendizado. O simples fato de entender as burocracias, entender os entraves da comunicação e como as coisas se dão. Tudo isso acaba sendo um conhecimento adquirido, com toda certeza. Tem que aprender a lidar, aprender a trabalhar num formato que nem sempre é o formato ideal para a questão da urgência extrema né?” (Comunicação pessoal, 26 janeiro de 2023).

Outro ponto levantado, foi o conhecimento em trabalhar uma ampla gama de usuários, sem enfoque em um grupo específico, uma vez que o Sistema de Saúde Único abrange todos os cidadãos.

“Todos os idosos que eu conheço tem dificuldade com esse negócio de login com senha, depois não vão lembrar, né? Será que a gente não pode pensar em uma coisa diferente? Daí a ideia de fazer aquele login com o nome da mãe, bem mais fácil e não tinha muito risco de segurança ali, né? (...) Foi mais contato com usuário e pensar nas coisas que às vezes não precisava pensar” (Voluntário 09 Comunicação pessoal, 19 janeiro de 2023)

Alguns voluntários mencionaram que o projeto proporcionou um ambiente de aprendizado para desenvolver suas habilidades de lidar com pessoas e trabalhar em equipe. Eles destacaram a importância de interagir com pessoas diferentes e enfrentar desafios nesse aspecto. Outro destaque foi para o aprendizado em gestão de projeto, especialmente em um formato em que os participantes não eram remunerados.

É possível encontrar correlações entre formulário e entrevista, que indicam que o voluntariado ofereceu aos participantes a oportunidade de aplicar conhecimentos, desenvolver habilidades e competências que não seriam utilizados de outra forma, ao mesmo tempo em que expressavam seus valores. O engajamento voluntário proporcionou um ambiente propício para o crescimento pessoal, ampliação do entendimento e aprimoramento de habilidades relevantes em diferentes áreas, contribuindo para a dimensão de valores/entendimento mencionada anteriormente.

A próxima dimensão é a de carreira, que está intrinsecamente ligada aos benefícios profissionais que podem ser adquiridos por meio do engajamento em atividades voluntárias. Nesse contexto, os voluntários almejam adquirir experiência relevante para suas trajetórias profissionais por meio do voluntariado (Clary et al., 1998). Podemos entender como essa dimensão é entendida pelos entrevistados a partir da tabela abaixo:

Tabela 3 - Frequência relativa de itens da Dimensão Carreira

Como voluntário eu aprendo coisas úteis para minha carreira

	frequência	percentual
Totalmente sem importância	0	0,0%
Nada Importante	1	6,3%
Pouco Importante	0	0,0%
Neutro	0	0,0%
Importante	5	31,3%
Muito Importante	2	12,5%
Totalmente Importante	8	50,0%
Total	16	100,1%

O voluntariado auxilia na minha capacitação para um emprego

	frequência	percentual
Totalmente sem importância	2	12,5%
Nada Importante	6	37,5%
Pouco Importante	1	6,3%
Neutro	1	6,3%
Importante	1	6,3%
Muito Importante	1	6,3%
Totalmente Importante	4	25,0%
Total	16	100,2%

O trabalho voluntário funciona como uma porta para a minha carreira profissional

	frequência	percentual
Totalmente sem importância	3	18,8%
Nada Importante	5	31,3%
Pouco Importante	0	0,0%
Neutro	3	18,8%
Importante	0	0,0%
Muito Importante	3	18,8%
Totalmente Importante	2	12,5%
Total	16	100,2%

Como voluntário eu faço contatos para trabalhos remunerados

	frequência	percentual
Totalmente sem importância	5	31,3%
Nada Importante	4	25,0%
Pouco Importante	2	12,5%
Neutro	0	0,0%
Importante	1	6,3%
Muito Importante	0	0,0%
Totalmente Importante	4	25,0%
Total	16	100,1%

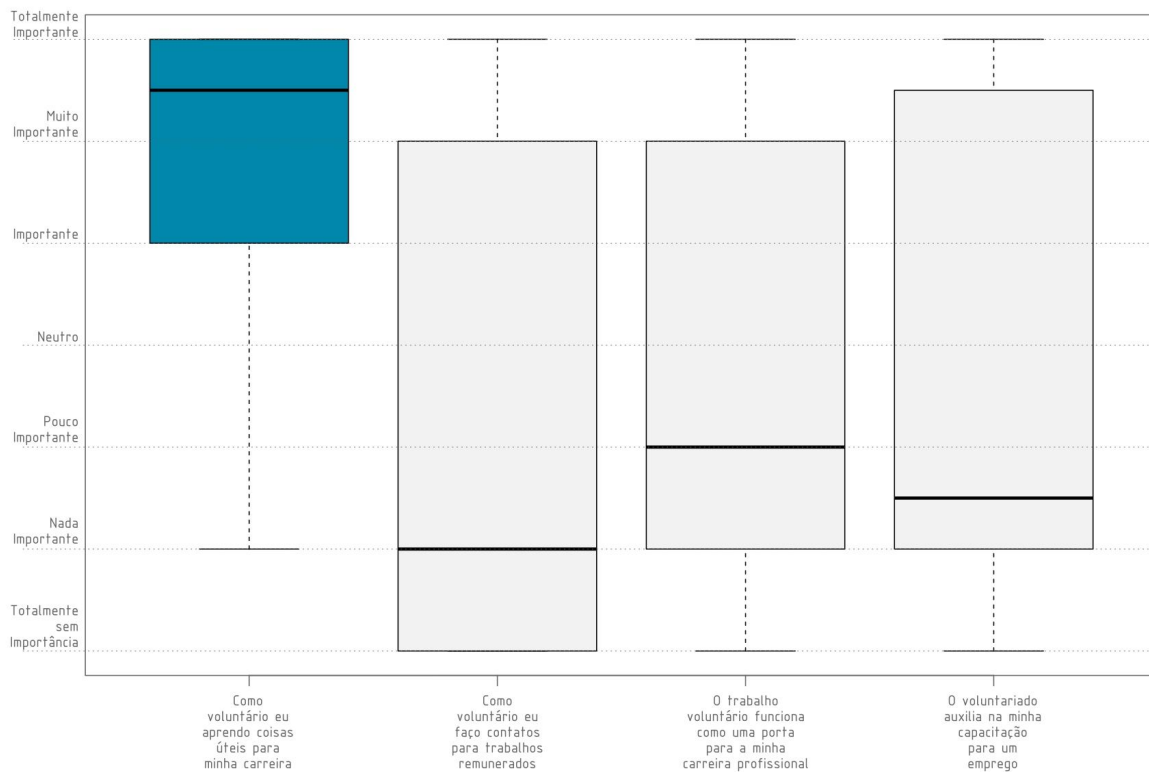
Fonte: a autora (2023)

Com base nas respostas, é possível identificar os fatores mais importantes dentro da dimensão de carreira. Em relação a capacitação para emprego 37,5% não considera importante, apenas 25,0% dos entrevistados classificaram essa capacitação como totalmente importante. O trabalho voluntário como porta importante para carreira profissional é classificado como importante para 18,8% dos entrevistados, a maioria (31,3%) não considera importante.

Observa-se que 31,3% dos entrevistados consideram os contatos para trabalhos remunerados como totalmente sem importância, enquanto 25,0% os classificaram como nada importantes. No entanto, 25,0% dos entrevistados consideram esses contatos como totalmente importantes.

A análise da dimensão carreira demonstra uma significativa falta de respostas com atribuições de alto grau de importância, a maioria dos voluntários avaliou a relevância dessa dimensão como "pouco importante" ou "totalmente sem importância". É possível sugerir que essa tendência pode ser compreendida pois a maioria dos voluntários já se encontra em estágios consolidados de trajetórias profissionais. Esse cenário pode ter contribuído para a percepção de que a participação em atividades voluntárias não exerceu um impacto direto ou significativo em suas carreiras.

Figura 21 - Boxplot Mediana - Dimensão Carreira



Fonte: a autora (2023)

Conforme evidenciado pelo Gráfico 13, no contexto da dimensão de carreira, a afirmação "Como voluntário eu aprendo coisas úteis para minha carreira" obteve uma classificação predominantemente positiva, com pontos atribuídos como importante, muito importante ou totalmente importante. Em relação ao aprendizado, 50% dos entrevistados consideram o aprendizado adquirido por meio do voluntariado como totalmente importante para o avanço de suas carreiras. Adicionalmente, 31,3% dos entrevistados avaliaram essa aprendizagem como importante, enquanto 12,5% a categorizam como sendo de muita importância.

Na entrevista, ao serem perguntados sobre o impacto da participação no projeto Agenda Saúde em suas carreiras, 13 dos entrevistados (18,75%) relataram que não houve influência direta na progressão profissional. No entanto, esses indivíduos mencionaram a relevância da participação no projeto para fins de aprendizado e desenvolvimento pessoal. Em contraste, 3 entrevistados (18,75%) afirmaram que a participação no Agenda Saúde teve uma influência direta para mudar de emprego ou conseguir o primeiro emprego.

Quando analisamos a entrevista, os entrevistados responderam à pergunta “Participar do projeto Agenda Saúde melhorou suas habilidades/conhecimentos?” e com as respostas podemos identificar três diferentes tendências. Três entrevistados (18,75%) não identificaram nenhuma melhora em suas habilidades, seguido por 4 entrevistados que relataram que o projeto contribuiu para expandir seus conhecimentos técnicos, principalmente em relação às tecnologias utilizadas no projeto. Eles enfatizaram que a aplicação prática desses conhecimentos fortaleceu sua proficiência nessas habilidades específicas, um entrevistado compartilhou que aprendeu uma linguagem de programação totalmente nova.

Quando analisamos os dados advindos de formulário e entrevista, nota-se que a dimensão de carreira no voluntariado pode ter diferentes repercussões para os participantes. Enquanto alguns podem encontrar benefícios diretos na progressão profissional, como aquisição de experiência relevante e contatos para trabalhos remunerados, outros podem valorizar mais o aprendizado e o desenvolvimento pessoal proporcionados pelo voluntariado, mesmo que isso não resulte em avanço imediato na carreira. Em suma, a dimensão de carreira no voluntariado apresenta uma variedade de percepções e impactos entre os participantes, podendo tanto proporcionar benefícios diretos para a progressão profissional quanto promover aprendizado e desenvolvimento pessoal valiosos, mas não é uma das dimensões mais relevantes para os voluntários.

A última dimensão a ser tratada é a proteção, que no contexto do voluntariado se refere a uma função que está fundamentada nas preocupações relacionadas aos processos associados ao funcionamento do ego. Essas motivações têm como objetivo primordial a proteção do ego contra atributos negativos do self. No contexto específico do voluntariado, essa dimensão pode ser utilizada como uma estratégia para reduzir sentimentos negativos, como a culpa, especialmente quando o indivíduo se percebe como mais afortunado do que outros. Além disso, o envolvimento no voluntariado pode servir como um meio para lidar e solucionar problemas pessoais do indivíduo (Clary et al., 1998).

Dessa forma, a dimensão de proteção no voluntariado desempenha um papel relevante ao permitir que os indivíduos utilizem o voluntariado como uma estratégia para lidar com questões emocionais, reduzir sentimentos de culpa e enfrentar seus próprios problemas pessoais (Clary et al., 1998).

Tabela 4 - Frequência relativa de itens da Dimensão Proteção

O voluntariado me auxilia na resolução dos meus próprios problemas	frequência	percentual
Totalmente sem importância	2	12,5%
Nada Importante	2	12,5%
Pouco Importante	1	6,3%
Neutro	5	31,3%
Importante	2	12,5%
Muito Importante	0	0,0%
Totalmente Importante	4	25,0%
Total	16	100,1%

O trabalho voluntário diminuiu a minha culpa por ser mais afortunado que muitos	frequência	percentual
Totalmente sem importância	5	31,3%
Nada Importante	1	6,3%
Pouco Importante	1	6,3%
Neutro	2	12,5%
Importante	3	18,8%
Muito Importante	2	12,5%
Totalmente Importante	2	12,5%
Total	16	100,2%

O trabalho voluntário me ajuda a entender os problemas da minha vida	frequência	percentual
Totalmente sem importância	3	18,8%
Nada Importante	4	25,0%
Pouco Importante	1	6,3%
Neutro	5	31,3%
Importante	2	12,5%
Muito Importante	1	6,3%
Totalmente Importante	0	0,0%
Total	16	100,2%

Trabalhar voluntariamente é uma forma de esquecer meus problemas	frequência	percentual
Totalmente sem importância	6	37,5%
Nada Importante	3	18,8%
Pouco Importante	0	0,0%
Neutro	3	18,8%
Importante	2	12,5%
Muito Importante	1	6,3%
Totalmente Importante	1	6,3%
Total	16	100,2%

Fonte: a autora (2023)

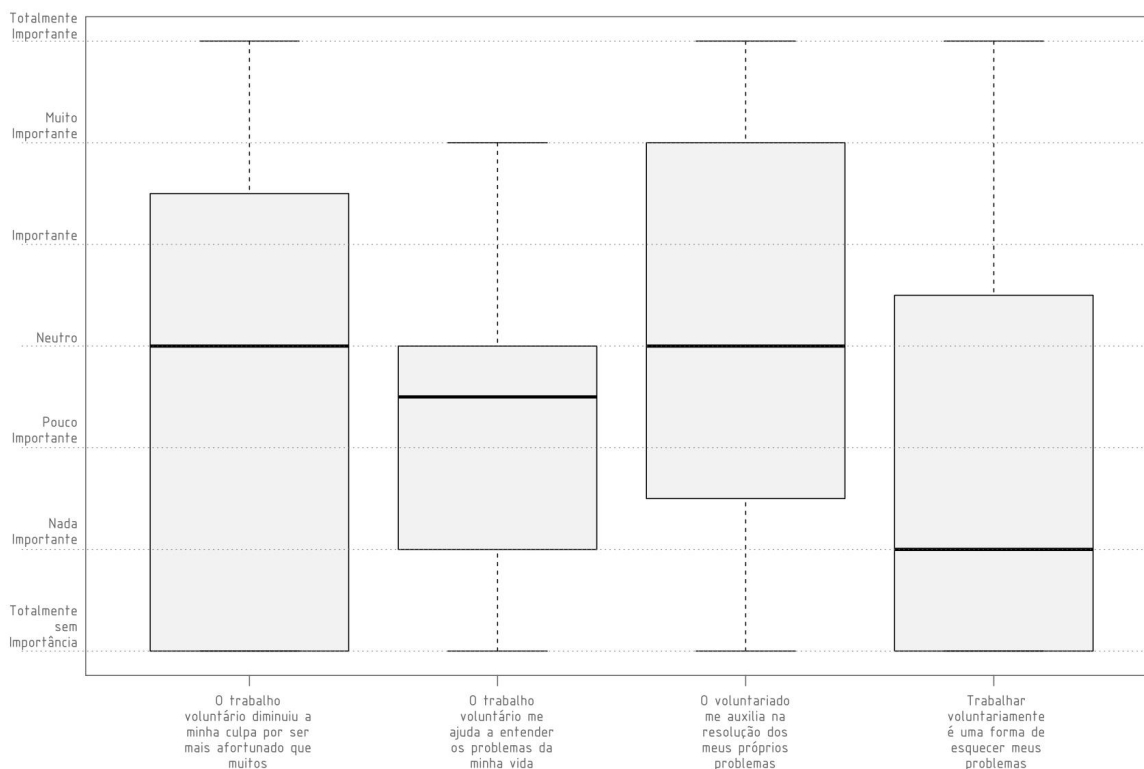
Em relação à resolução dos próprios problemas, observa-se que 25% dos entrevistados consideraram o voluntariado como totalmente importante nesse aspecto, enquanto 12,5% o classificaram como importante. Por outro lado, uma parcela significativa (31,3%) dos entrevistados mostrou-se neutra em relação a essa dimensão.

No que diz respeito à diminuição da culpa por ser mais afortunado do que outros, nota-se que 31,3% dos entrevistados classificaram essa questão como totalmente sem importância, o que sugere que o voluntariado pode não ser percebido como um meio relevante para lidar com esse sentimento de culpa por essa parcela dos participantes. Porém, é interessante notar que 18,8% dos entrevistados consideraram essa dimensão como importante.

No que se refere ao entendimento dos problemas pessoais por meio do trabalho voluntário, observa-se que 31,3% dos entrevistados adotaram uma posição neutra, enquanto 25% classificaram como nada importante. Esse resultado sugere que uma parcela considerável dos entrevistados não percebe uma relação direta entre o voluntariado e a compreensão de suas próprias questões pessoais.

Por fim, em relação à utilização do trabalho voluntário como uma forma de esquecer os problemas pessoais, destaca-se que 37,5% dos entrevistados classificaram essa dimensão como totalmente sem importância. No entanto, 18,8% dos entrevistados consideraram essa dimensão como importante, o que sugere que o voluntariado pode ser percebido por essa parcela como uma forma de aliviar temporariamente os problemas pessoais.

Figura 22 - Boxplot Mediana - Dimensão Proteção



Fonte: a autora (2023)

Quando olhamos para o gráfico 14, a mediana da dimensão proteção, revela que as percepções e experiências em relação à dimensão de proteção no voluntariado variam entre os entrevistados, mas não é vista como “Totalmente Importante” em nenhuma das afirmações, pode-se classificar essa dimensão como a menos relevante para os voluntários do Agenda Saúde. Enquanto alguns veem o voluntariado como uma estratégia relevante para a resolução de problemas e a diminuição da culpa, a maioria não percebe essa relação ou atribui menos importância a esses aspectos.

A Tabela 5 apresenta as frequências relativas de respostas para todos os níveis de cada item de Likert do inventário, bem como o valor calculado para o Ranking Médio (RM) de cada item. Nota-se que as dimensões Valores/Entendimento e Social/Engrandecimento possuem valores de RM superiores às dimensões de proteção e carreira.

Tabela 5 - Frequência relativa de todos os níveis

Frequências relativas e Ranking Médio para cada item de Likert do IFV										
Item Likert	f(%) 1	f(%) 2	f(%) 3	f(%) 4	f(%) 5	f(%) 6	f(%) 7	Mediana	Moda	RM
Dimensão - Carreira										
Como voluntário eu aprendo coisas úteis para minha carreira	0 (0%)	1 (6,3%)	0 (0%)	0 (0%)	5 (31,3%)	2 (12,5%)	8 (50%)	6,50	7	5,94
O voluntariado auxilia na minha capacitação para um emprego	2 (12,5%)	6 (37,5%)	1 (6,3%)	1 (6,3%)	1 (6,3%)	1 (6,3%)	4 (25%)	2,50	2	3,75
O trabalho voluntário funciona como uma porta para a minha carreira profissional	3 (18,8%)	5 (31,3%)	0 (0%)	3 (18,8%)	0 (0%)	3 (18,8%)	2 (12,5%)	3,00	2	3,56
Como voluntário eu faço contatos para trabalhos remunerados	5 (31,3%)	4 (25%)	2 (12,5%)	0 (0%)	1 (6,3%)	0 (0%)	4 (25%)	2,00	1	3,25
Dimensão - Proteção										
O voluntariado me auxilia na resolução dos meus próprios problemas	2 (12,5%)	2 (12,5%)	1 (6,3%)	5 (31,3%)	2 (12,5%)	0 (0%)	4 (25%)	4,00	4	4,19
O trabalho voluntário diminuiu a minha culpa por ser mais afortunado que muitos	5 (31,3%)	1 (6,3%)	1 (6,3%)	2 (12,5%)	3 (18,8%)	2 (12,5%)	2 (12,5%)	4,00	1	3,69
O trabalho voluntário me ajuda a entender os problemas da minha vida	3 (18,8%)	4 (25%)	1 (6,3%)	5 (31,3%)	2 (12,5%)	1 (6,3%)	0 (0%)	3,50	4	3,13
Trabalhar voluntariamente é uma forma de esquecer meus problemas	6 (37,5%)	3 (18,8%)	0 (0%)	3 (18,8%)	2 (12,5%)	1 (6,3%)	1 (6,3%)	2,00	1	2,94
Dimensão - Social/Engrandecimento										
Participando do trabalho voluntário aprendo a lidar com situações diferentes	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (12,5%)	6 (37,5%)	8 (50%)	6,50	7	6,38
Trabalhar voluntariamente aumenta minha autoconfiança	0 (0%)	3 (18,8%)	1 (6,3%)	3 (18,8%)	1 (6,3%)	2 (12,5%)	6 (37,5%)	5,50	7	5,00
Trabalhar como voluntário (a) aumenta minha autoestima	0 (0%)	3 (18,8%)	1 (6,3%)	2 (12,5%)	3 (18,8%)	3 (18,8%)	4 (25%)	5,00	7	4,88
As pessoas próximas de mim valorizam o trabalho voluntário	1 (6,3%)	2 (12,5%)	2 (12,5%)	0 (0%)	4 (25%)	5 (31,3%)	2 (12,5%)	5,00	6	4,69
O voluntariado me permite fazer bons amigos	0 (0%)	2 (12,5%)	2 (12,5%)	4 (25%)	2 (12,5%)	4 (25%)	2 (12,5%)	4,50	4	4,63
Meus amigos veem o voluntariado como algo importante	3 (18,8%)	1 (6,3%)	3 (18,8%)	1 (6,3%)	4 (25%)	2 (12,5%)	2 (12,5%)	4,50	5	4,00
O voluntariado me permite criar vínculos afetivos com outros voluntários	1 (6,3%)	4 (25%)	1 (6,3%)	4 (25%)	3 (18,8%)	0 (0%)	3 (18,8%)	4,00	2	4,00
Dimensão - Valores/Entendimento										
Por meio do voluntariado eu posso ajudar a melhorar o mundo	0 (0%)	0 (0%)	1 (6,3%)	1 (6,3%)	2 (12,5%)	2 (12,5%)	10 (62,5%)	7,00	7	6,19
Gosto de ser prestativo para a sociedade	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (18,8%)	7 (43,8%)	6 (37,5%)	6,00	6	6,19
Fazer algo de bom a outras pessoas é importante para mim	1 (6,3%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (12,5%)	1 (6,3%)	2 (12,5%)	10 (62,5%)	7,00	7	6,00
Trabalhar voluntariamente faz eu me sentir bem comigo	1 (6,3%)	1 (6,3%)	0 (0%)	2 (12,5%)	1 (6,3%)	5 (31,3%)	6 (37,5%)	6,00	7	5,50
O voluntariado me ajuda a compreender como o mundo poderia ser melhor	0 (0%)	0 (0%)	2 (12,5%)	3 (18,8%)	4 (25%)	2 (12,5%)	5 (31,3%)	5,00	7	5,31
No voluntariado eu percebo preconceitos	2 (12,5%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (18,8%)	5 (31,3%)	2 (12,5%)	4 (25%)	5,00	5	4,94
Eu me sinto ativo graças ao trabalho voluntário	1 (6,3%)	2 (12,5%)	0 (0%)	6 (37,5%)	2 (12,5%)	2 (12,5%)	3 (18,8%)	4,00	4	4,50
Eu aprendo com a carência (afetiva, financeira, psicológica, etc.) do outro	1 (6,3%)	2 (12,5%)	1 (6,3%)	4 (25%)	3 (18,8%)	3 (18,8%)	2 (12,5%)	4,50	4	4,44
O trabalho voluntário é uma boa forma de fazer justiça	0 (0%)	4 (25%)	2 (12,5%)	4 (25%)	2 (12,5%)	3 (18,8%)	1 (6,3%)	4,00	2	4,06

Fonte: a autora (2023)

Os Resultados da Tabela 7 indicam que as dimensões Valores/Entendimento e Social/Engrandecimento são consideradas mais importantes pelos entrevistados em comparação às dimensões de Proteção e Carreira no contexto do voluntariado. Essas descobertas evidenciam a necessidade de compreender e promover os aspectos das dimensões mais citadas, pode incentivar e engajar voluntários com o perfil semelhante aos participantes do Agenda Saúde, de forma mais efetiva.

A tabela a seguir demonstra a média do ranking médio para cada dimensão do IFV.

Figura 23 - Quadro da Média do Ranking Médio das dimensões

Dimensão	RM
Valores/Entendimento	5,23
Social/Engrandecimento	4,79
Carreira	4,12
Proteção	3,28

Fonte: a

autora (2023)

A partir do Ranking Médio, percebemos que Valores/Entendimento é a dimensão mais importante para os voluntários do Agenda Saúde, seguida pela Social/Engrandecimento. Carreira e Proteção são as dimensões com menores importância para os entrevistados.

As motivações que mais levaram os entrevistados do Agenda Saúde a participarem do projeto são apresentadas abaixo:

Tabela 6 - Motivações que mais levaram os entrevistados do Agenda Saúde a participarem de um projeto de inovação social

Motivações que mais levaram os voluntários do Agenda Saúde a participarem de um projeto de inovação social										
Ranking Médio (RM) >= 6 & Mediana > 6										
Carreira	f(%) 1	f(%) 2	f(%) 3	f(%) 4	f(%) 5	f(%) 6	f(%) 7	Mediana	Moda	RM
Como voluntário eu aprendo coisas úteis para minha carreira	0 (0%)	1 (6,3%)	0 (0%)	0 (0%)	5 (31,3%)	2 (12,5%)	8 (50%)	6,50	7	5,94
Social/Engrandecimento	f(%) 1	f(%) 2	f(%) 3	f(%) 4	f(%) 5	f(%) 6	f(%) 7	Mediana	Moda	RM
Participando do trabalho voluntário aprendo a lidar com situações diferentes	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (12,5%)	6 (37,5%)	8 (50%)	6,50	7	6,38
Valores/Entendimento	f(%) 1	f(%) 2	f(%) 3	f(%) 4	f(%) 5	f(%) 6	f(%) 7	Mediana	Moda	RM
Por meio do voluntariado eu posso ajudar a melhorar o mundo	0 (0%)	0 (0%)	1 (6,3%)	1 (6,3%)	2 (12,5%)	2 (12,5%)	10 (62,5%)	7,00	7	6,19
Gosto de ser prestativo para a sociedade	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (18,8%)	7 (43,8%)	6 (37,5%)	6,00	6	6,19
Fazer algo de bom a outras pessoas é importante para mim	1 (6,3%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (12,5%)	1 (6,3%)	2 (12,5%)	10 (62,5%)	7,00	7	6,00

Fonte: a autora (2023)

Com base nos resultados apresentados, é possível entender que a afirmação “Participando do trabalho voluntário aprendo a lidar com situações diferentes”, referente a Dimensão Social/Engrandecimento, é uma das motivações centrais para a participação e manutenção dos voluntários nesse projeto. Esses resultados sugerem que os entrevistados reconhecem a oportunidade de adquirir habilidades sociais e a capacidade de enfrentar desafios ao lidar com situações diversas.

Seguido pela Dimensão Valores/Entendimento, com as afirmações “Por meio do voluntariado eu posso ajudar a melhorar o mundo” e “Gosto de ser prestativo

para a sociedade". Essa motivação relacionada a valores altruístas e ao senso de propósito em contribuir para um mundo melhor pode ter sido uma das principais motivações para a participação dos voluntários no projeto.

Em relação à dimensão Carreira, que possui menor relevância que as dimensões anteriores, o item "Como voluntário eu aprendo coisas úteis para minha carreira" recebeu um RM de 5,94, menor do que as afirmações das outras dimensões. Especialmente para pessoas que estejam no início da sua trajetória profissional ou estejam buscando o primeiro emprego na área de estudos, conforme visto pelos voluntários do Agenda Saúde. Então, pode-se entender que, ao tratarmos com jovens em início de carreira, a motivação de Carreira, relacionada ao desenvolvimento de habilidades relevantes, pode influenciar na participação de voluntários em projetos de inovação social.

Portanto, com base nos resultados analisados, é possível afirmar que as principais motivações que levaram os entrevistados do projeto Agenda Saúde a participarem desse projeto de inovação social estão relacionadas às da dimensão Social/Engrandecimento, seguida pela dimensão Valores/Entendimento. É possível constatar que a dimensão de Social/Engrandecimento é a categoria motivacional que mais influenciou os entrevistados a participarem do Agenda Saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo principal compreender as motivações dos voluntários envolvidos em projetos de inovação social durante a pandemia de Covid-19 na cidade de Joinville/SC, identificou-se que a dimensão com a maior mediana foi a Social/Engrandecimento, seguida pela dimensão Valores/Entendimento, corroborado com as duas principais dimensões por outras pesquisas realizadas no Brasil (Santos Silva, 2020 e Hasse, 2018).

Foi identificado que as motivações dos voluntários do Agenda Saúde eram multifacetadas e variavam de acordo com cada indivíduo. Entre as principais motivações mencionadas, destacam-se a oportunidade de contribuir para a sociedade em um momento de crise como o da Covid-19 e o engajamento com valores humanitários.

Através da análise dos dados coletados, também foi possível avaliar a abrangência do Inventário de Fatores Voluntários para voluntários de projetos de inovação social. Os resultados apontam que o instrumento validado no contexto brasileiro é eficaz na captação das motivações subjacentes ao voluntariado. No entanto, é importante ressaltar que sua utilidade se mostrou limitada em situações excepcionais, como a pandemia de COVID-19, na qual o voluntariado não compete diretamente com as atividades sociais devido às medidas de isolamento social implementadas.

A pandemia desempenhou um papel de extremo significado na motivação dos participantes do projeto Agenda Saúde, fornecendo um senso de urgência e um propósito maior diante dos desafios enfrentados. Muitos entrevistados mencionaram o isolamento social como um contexto relevante, e a junção de ambos catalisou a participação constante desses voluntários no projeto. A pandemia serviu como um estímulo adicional para a mobilização e ação, tornando o projeto uma oportunidade concreta de fazer a diferença em um momento crítico.

Esta pesquisa revelou a significativa relevância da cultura de código aberto, caracterizada pelo compartilhamento de conhecimento, colaboração e inovação como princípios fundamentais. Os participantes do Agenda Saúde demonstraram aderência a essa cultura. Após a utilização pela Prefeitura de Joinville para o agendamento de vacinação, o mesmo sistema foi utilizado para o agendamento de patinação no gelo, atividade disponível de forma gratuita durante o natal de 2022.

Uma das dificuldades encontradas nessa pesquisa foi obter a participação de todos os voluntários que participaram do projeto nas entrevistas, por desencontro de agendas e motivos pessoais dos participantes, não foi possível obter o total. Além do Inventário de Fatores Voluntários ser utilizado em pesquisas no Brasil com voluntários de campos e perfis muito diferentes dos identificados nesta pesquisa.

Recomenda-se que futuras pesquisas explorem ainda mais as motivações dos voluntários em projetos de inovação social, considerando diferentes contextos e populações. Além disso, a investigação das barreiras e desafios enfrentados pelos voluntários e a avaliação do impacto desses projetos na comunidade podem fornecer subsídios adicionais para o aprimoramento das práticas de engajamento voluntário e a maximização de seu potencial transformador.

Em última análise, o trabalho voluntário em projetos de inovação social desempenha um papel crucial na construção de um futuro mais sustentável e inclusivo. Os voluntários do Agenda Saúde são exemplos de contribuição com o bem coletivo, através de conhecimento técnico. Que suas motivações e dedicação sirvam de inspiração para outros, impulsionando o surgimento de novas iniciativas e o fortalecimento de uma cultura de colaboração e inovação.

REFERÊNCIAS

- Agenda Saúde. GitHub. <https://github.com/MakersNetwork/agenda-saude>
- Anderson, C. (2012). *Makers: The New Industrial Revolution*. Crown Business.
- Bonfim, P. (2010). A "cultura do voluntariado" no Brasil: determinações econômicas e ideopolíticas na atualidade. Cortez Editora.
- Agostini, M. R., Silva, P. M., & Langoski, L. M. (2015). As dimensões da inovação social: um estudo de caso no instituto oncogua. *Connexio*, 4(2), 73–87.
- Agostini, M. R., Vieira, L. M., Tondolo, R. R. P., & Tondolo, V. A. G. (2017). An overview on social innovation research: guiding future studies. *Brazilian Business Review*, 14(4), 385–402. <https://doi.org/10.15728/bbr.2017.14.4.2>
- Andion, C. (2020). Atuação da sociedade civil no enfrentamento dos efeitos da COVID-19 no Brasil. *Revista de Administração Pública*, 54(4), 936–951. <https://doi.org/10.1590/0034-761220200199>
- Andion, C., Alperstedt, G. D., & Graeff, J. F. (2020). Ecosistema de inovação social, sustentabilidade e experimentação democrática: um estudo em Florianópolis. *Revista de Administração Pública*, 54(1), 181–200. <https://doi.org/10.1590/0034-761220180418>
- Ansell, C. (2012). What is a "Democratic Experiment"? *Contemporary Pragmatism*, 9(2), 159–180. <https://doi.org/10.1163/18758185-90000235>
- Araujo, J. M. (2008). *Voluntariado: na contramão dos direitos sociais*. Cortez Editora.
- Ayuso, M., & Bucari, E. (2019, 1 de julho). El año del voluntariado: récord de argentinos que deciden ayudar. *LA NACION*. <https://www.lanacion.com.ar/comunidad/el-ano-del-voluntariado-record-argentinos-deciden-nid2263537/>
- Bataglin, J. C., Semprebon, E., Carvalho, A. C. V., & Porsse, M. (2021). Inovação social: um estudo da publicação científica internacional por meio da análise de redes. *Brazilian Business Review*, 18(4), 450–467.
- Bignetti, L. P. (2011). As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. *Ciências Sociais Unisinos*, 47(1), 3–14. <https://doi.org/10.4013/csu.2011.47.1.01>
- Bignetti, L. P. (2011). As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. *Ciências Sociais Unisinos*, 47(1), 3–14. <https://doi.org/10.4013/csu.2011.47.1.01>
- Boehm, G., & Frederick, L. J. (2010). Strategic innovation management in global industry networks. *Asian Journal of Business Management*, 2(4), 110–120.
- Cajaiba-Santana, G. (2014). *Social innovation: moving the field forward*. A

- conceptual framework. *Technological Forecasting and Social Change*, 82(C), 42–51. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2013.05.008>
- Caldas, P. T. (2020). *Relações entre voluntariado e cidadania à luz das motivações*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório Institucional da UFPB.
https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18110?locale=pt_BR
- Castanhari, L. (2021, 3 de maio). Trabalho voluntário no Brasil se reinventa e visa potencializar impactos. Fundação FEAC.
<https://feac.org.br/trabalho-voluntario-no-brasil-se-reinventa-e-visa-potencializar-impactos/>
- Caulier-Grice, J., Davies, A., Patrick, R., & Norman, W. (2012). *Defining Social Innovation*. The Young Foundation.
<https://youngfoundation.org/wp-content/uploads/2012/12/TEPSIE.D1.1.Report.DefiningSocialInnovation.Part-1-defining-social-innovation.pdf>
- Chiesa, V. S., & Stover, J. B. (2020). Adaptación del inventario de funciones del voluntariado en adultos de argentina. *Evaluar*, 20(3), 68–82.
<https://doi.org/10.35670/1667-4545.v20.n3.31714>
- Cidade de Joinville. (n.d.). *Nossos programas*. join.valle.
<https://www.joinville.com.br/programas>
- Clary, E. G., Snyder, M., Ridge, R. D., Copeland, J., Stukas, A. A., Haugen, J., & Miene, P. (1998). Understanding and assessing the motivations of volunteers: a functional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(6), 1516–1530. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.74.6.1516>
- Concepción, A. L., Lacruz, A. I. G., & Saz, I. (2019). Voluntariado en Latinoamérica: aproximación a las diferencias entre países. *Gobernar: The Journal of Latin American Public Policy and Governance*, 3(5), 91–107.
<https://doi.org/10.22191/gobernar/vol3/iss5/6>
- Correia, S. E. N., Melo, L. S. A., & Oliveira, V. M. (2019). Inovação social e sociedade civil: conteúdo, processos e empoderamento. *REUNIR Revista de Administração, Ciências Contábeis e Sustentabilidade*, 9(1), 50–62.
<https://doi.org/10.18696/reunir.v9i1.891>
- Correia, S. N., Oliveira, V. M., Feitosa, M. J. S., & Gómez, C. R. P. (2018). Inovação social para o desenvolvimento sustentável: um caminho possível. *Administração Pública e Gestão Social*, 10(3), 199–212.
<https://doi.org/10.21118/apgs.v10i3.1441>
- Crowston, K., & Howison, J. (2006). The social structure of free and open source software development. *First Monday*, 11(9).
- Escudero, C., Ribeiro, A. C., Andrade, P., & Mello, J. (2020). Perfil das organizações sociais e organizações da sociedade civil de interesse público em atividade

no brasil. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.
https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=37299

Estadão. (2021, 28 de agosto). Dia do voluntariado: a pandemia foi um catalisador de boas ações e mudou a forma de contribuir. Em Mais. Recuperado de <https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/dia-do-voluntariado-a-pandemia-foi-um-catalisador-de-boas-acoes-e-mudou-a-forma-de-contribuir/>

Fab Lab Joinville. (n.d.). Projetos. <https://www.fablabjoinville.com.br/projetos/>

Fachini, A. R. para Fab Lab Joinville. (2021, 6 de junho). Pitch Agenda Saúde. [Video]. YouTube.
https://www.youtube.com/watch?v=Z7OfYHJjMtw&ab_channel=FabLabJoinville

Federação Nacional das Apaes. (n.d.) Quem Somos.
<https://apaebrazil.org.br/conteudo/quem-somos>

Ferreira, M. R., Proença, T., & Proença, J. F. (2008). As motivações no trabalho voluntário. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 7(3), 43–53.

Freeman, Christoph. *Technology policy and economic performance*. Londres: Pinter Publishers London and New York, 1987

Figueiredo, N. C. M. (2005). *Interfaces do trabalho voluntário na aposentadoria*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Digital. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4448>

Giffinger, R., Fertner, C., Kramar, H., & Meijers, E. (2007). City-ranking of European medium-sized cities. *Cent. Reg. Sci. Vienna UT*, 9(1), 1-12.

Godin, B. (2008). *Innovation: the History of a Category*.

Goldenberg, M. (2011). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Record.

Guimarães, J. G. D. A. (2018). *Cidades inteligentes: proposta de um modelo brasileiro multi-ranking de classificação* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

Hasse, C. D. S. (2018). *As motivações e o bem-estar de voluntários brasileiros em ações sociais, educativas e de saúde*.

História do CICV. (2010, 29 de outubro). Comitê Internacional da Cruz Vermelha.
<https://www.icrc.org/pt/doc/who-we-are/history/overview-section-history-icrc.htm>

Hobsbawm, E. (1995). *Era dos extremos: o breve século XX*. Companhia das Letras.

- Howaldt, J., Domanski, D., & Kaletka, C. (2016). Social innovation: towards a new innovation paradigm. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 17(6), 20–44. <https://doi.org/10.1590/1678-69712016/administracao.v17n6p20-44>
- Hudson, M. (2002). *Administrando organizações do terceiro setor: o desafio de administrar sem receita*. Pearson Education.
- Hustinx, L., Cnaan, R. A., & Handy, F. (2010). Navigating theories of volunteering: a hybrid map for a complex phenomenon. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 40(4), 410–434. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5914.2010.00439.x>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2016). Pesquisas: Fundações privadas e associações sem fins lucrativos. In *Cidades@*. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/joinville/pesquisa/35/29951>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019). Pesquisas: Censo escolar - sinopse. In *Cidades@*. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/joinville/pesquisa/13/78117?ano=2019>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Joinville. In *Cidades@*. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/joinville>
- International Association for Volunteer Effort. (2001). *The Universal Declaration on Volunteering*. <https://www.iave.org/iavewp/wp-content/uploads/2015/10/universal-delcaration-on-volunteering.pdf>
- Jucevicius, R., & Liugailaite-Radzvickiene, L. (2013, January). Smart development: a conceptual framework. In *The Proceedings of The 10th International Conference on Intellectual Capital, Knowledge Management & Organisational Learning, ICICKM-2013* (pp. 212-219).
- Justen, G. S., Morais-da-Silva, R. L., Takahashi, A. R. W., & Segatto, A. P. (2020). Inovação social e desenvolvimento local: uma análise de metasíntese. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 14(1), 56-73.
- Kawata, L. C. (2015). *Voluntariado e participação política: o caso da ONG Teto*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital da USP. 10.11606/D.100.2018.tde-26062017-164501
- Kielwagen, C. W. (2016). *História, configuração e apropriação do espaço público: a Praça Nereu Ramos em Joinville/SC*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/174695>
- Komatsu Cipriani, T., Deserti, A., Kleverbeck, M., Rizzo, F., & Terstriep, J. (2020). Business models & social innovation: mission-driven versus profit-driven organisations. *International Review of Applied Economics*, 34(5), 541-566.

Lage, M. P. S. R. (2019). Do assistencialismo à intervenção social: o voluntariado na construção de agências. [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUCSP.
<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/22561>

Lei nº 13.019, de 31 de julho de 2014. (2014). Estabelece o regime jurídico das parcerias entre a administração pública e as organizações da sociedade civil, em regime de mútua cooperação, para a consecução de finalidades de interesse público e recíproco, mediante a execução de atividades ou de projetos previamente estabelecidos em planos de trabalho inseridos em termos de colaboração, em termos de fomento ou em acordos de cooperação; define diretrizes para a política de fomento, de colaboração e de cooperação com organizações da sociedade civil; e altera as Leis nºs 8.429, de 2 de junho de 1992, e 9.790, de 23 de março de 1999. (Redação dada pela Lei nº 13.204, de 2015). Presidência da República.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13019.htm

Lei nº 7.190, de 21 de março de 2012. (2012). Cria o Conselho Municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação De Joinville - COMCITI. Prefeitura Municipal de Joinville.
<https://leismunicipais.com.br/a1/sc/j/joinville/lei-ordinaria/2012/719/7190/lei-ordinaria-n-7190-2012-cria-o-conselho-municipal-de-ciencia-tecnologia-e-inovacao-de-joinville-comciti>

Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998. (1998). Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. Presidência da República.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9608.htm

Lei nº 9.790, de 23 de março de 1999. (1999). Dispõe sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, institui e disciplina o Termo de Parceria, e dá outras providências. Presidência da República.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9790.htm

Lei nº 91, de 28 de agosto de 1935. (1935). Determina regras pelas quais são as sociedades declaradas de utilidade pública. Câmara dos Deputados.
[https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-91-28-agosto-1935-398006-norma-actualizada-pl.html#:~:text=Lei%2091%2F1935&text=Determina%20regras%20pelas%20quais%20s%C3%A3o%20as%20sociedades%20declaradas%20de%20utilidade%20p%C3%ABlica.&text=%2F7%2F2015\)-,Art.,casos%20excepcionais%2C%20ex%2Doff%C3%ADcio](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-91-28-agosto-1935-398006-norma-actualizada-pl.html#:~:text=Lei%2091%2F1935&text=Determina%20regras%20pelas%20quais%20s%C3%A3o%20as%20sociedades%20declaradas%20de%20utilidade%20p%C3%ABlica.&text=%2F7%2F2015)-,Art.,casos%20excepcionais%2C%20ex%2Doff%C3%ADcio)

Loetz. (2019, 9 de dezembro). As transformações de Joinville - 1999-2019. nsc total.
<https://www.nsctotal.com.br/colunistas/loetz/as-transformacoes-de-joinville-1999-2019>

Manual de Oslo: Guidelines for Collecting, Reporting and Using Data on Innovation,. 4 edição. Paris: OCDE, 2018

Marta, E., Guglielmetti, C., & Pozzi, M. (2006). Volunteerism during young adulthood:

- an Italian investigation into motivational patterns. *Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, 17(3), 221–232.
<https://doi.org/10.1007/S11266-006-9015-3>
- Minayo, M. C. S. (Org.). (2002). *Teoria, método e criatividade*. (21ª ed). Editora Vozes.
- Minayo, M. C. S., & Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, 9(3), 237–248.
<https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300002>
- Ministério da Defesa. (2020, 31 de dezembro). Conheça: O que é o Projeto Rondon.
<https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/projeto-rondon/conheca>
- Money, W. H., & Cohen, S. (2015). Developing a marketplace for smart cities foundational services with policy and trust. *International Journal of Computer Science Theory and Application*, 3(1), 1-12
- Morriesen, C. (2020, 26 de março). Coronavírus: como joinvilenses se uniram para produzir 1.000 protetores faciais para os hospitais da região. nsc total.
<https://www.nsctotal.com.br/noticias/coronavirus-como-joinvilenses-se-uniram-para-produzir-1000-protetores-faciais-para-os>
- Moulaert, F., Martinelli, F., Swyngedouw, E., & Gonzalez, S. (2005). Towards alternative model(s) of local innovation. *Urban Studies*, 42(11), 1969–1990.
<https://doi.org/10.1080/00420980500279893>
- Murray, R., Caulier-Grice, J., & Mulgan, G. (2010). *The open book of social innovation* (Vol. 24). London: Nesta.
- Naccache, S. M. L., Carmo, K. A., & Souza, F. P. (2022). Pesquisa voluntariado no Brasil 2021. <https://pesquisavoluntariado.org.br/>
- Newton, C., Becker, K., & Bell, S. (2014). Learning and development opportunities as a tool for the retention of volunteers: a motivational perspective. *Human Resource Management Journal*, 24(4), 514–530.
<https://doi.org/10.1111/1748-8583.12040>
- Neto, J. V., dos Santos, C. B., Torres, É. M., & Estrela, C. (2017). Boxplot: um recurso gráfico para a análise e interpretação de dados quantitativos. *Revista Odontológica do Brasil Central*, 26(76).
- Oxfam Brasil. (2022, 12 de abril). Mais 263 milhões de pessoas podem cair na extrema pobreza em 2022, alerta novo relatório Oxfam.
<https://www.oxfam.org.br/noticias/mais-263-milhoes-de-pessoas-podem-cair-na-extrema-pobreza-em-2022-alerta-novo-relatorio-oxfam/>

- Open Source Initiative. (s.d.). A Definição de Código Aberto. Obtido de <https://opensource.org/osd>
- Phills Jr., J. A., Deiglmeier, K., & Miller, D. T. (2008). Rediscovering social innovation. *Stanford Social Innovation Review*, 6(4), 34–43. <https://doi.org/10.48558/GBJY-GJ47>
- Pilati, R., & Hees, M. A. G. (2011). Evidências de validade de uma versão brasileira do Inventário de Funções do Voluntariado—IFV. *Psico-USF*, 16(3), 275–284. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712011000300004>
- Prefeitura de Joinville. (2022). Conselho Municipal de Ciência e Tecnologia – COMCITI. <https://www.joinville.sc.gov.br/institucional/comciti/>
- Prefeitura de Joinville. (2018). #Jlle30. <https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/Apresenta%C3%A7%C3%A3o-Vis%C3%A3o-de-Futuro-Joinville-2030.pdf>
- Puente, B. (2021, 2 de dezembro). Com maior número em seis anos, Brasil tem 244 mil jovens de 6 a 14 fora da escola. *CNN Brasil*. <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/com-maior-numero-em-seis-anos-brasil-tem-244-mil-jovens-de-6-a-14-fora-da-escola/>
- Raymond, E. (1999). The cathedral and the bazaar. *Knowledge, Technology & Policy*, 12(3), 23-49.
- Rede WWF. (n.d.) WWF. Recuperado em: 26 de julho de 2022, de <https://www.wwf.org.br/sobrenos/redewwf/>
- Richardson, R. J., Peres, J. A., Wanderley, J. C. V., Correia, L. M., & Peres, M. D. H. D. M. (1985). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. Atlas.
- Rocha, R. O., Abreu, A. F., Silva, D. E. P., & Olave, M. E. L. (2019). Inovação social: uma revisão bibliográfica dos estudos de caso publicados no Brasil. *Revista Economia & Gestão*, 19(54), 172–193.
- Salim Saji, B., & Ellingstad, P. (2016). Social innovation model for business performance and innovation. *International Journal of Productivity and Performance Management*, 65(2), 256-274.
- Sabioni, M., Ferreira, M. A. M., & Reis, A. O. (2018). Racionalidades na motivação para a participação cidadã no controle social: uma experiência local brasileira. *Cadernos EBAPE.BR*, 16(1), 81–100. <https://doi.org/10.1590/1679-395155420>
- Santos Silva, M. L., de Santana, R. H., de Almeida, J. Á. J., & Silva, F. F. (2020). Motivação para o trabalho voluntário: estudo de caso na Fundação Alice figueira. *Caderno Profissional de Administração da UNIMEP*, 9(2), 1-24.

- Schumpeter, J. A. (1934). *The Theory Economic Development*. Cambridge, MA: Harvard University Press
- Schwyzer, I. (2016). *Por amor ao outro, por amor a si: um estudo sociológico das atividades voluntárias em um hospital de ensino de Curitiba*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná]
- SEPUD. (2021). *Joinville Cidade em Dados*.
<https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2021/12/Joinville-Cidade-e-m-Dados-2021-%E2%80%93-Gest%C3%A3o-Institucional.pdf>
- Souza, W. J., & Medeiros, J. P. (2012). Trabalho voluntário: motivos para sua realização. *Ciências da Administração*, 14(33), 93-102.
- Tardif, C. (2005). *Complémentarité, convergence et transversalité: La conceptualisation de l'innovation sociale au CRISES*. Québec: CRISES. Centre de Recherche Sur Les Innovations Sociales – Cahiers du CRISES.
<https://crises.uqam.ca/cahiers/et0513-complementarite-convergence-et-transversalite-la-conceptualisation-de-linnovation-sociale-au-crises/>
- Taylor, J. B. (1970). Introducing social innovation. *The journal of applied behavioral science*, 6(1), 69–77. <https://doi.org/10.1177%2F002188637000600104>
- The Fab Foundation. (n.d.). *Getting started with Fab Labs*.
<https://fabfoundation.org/getting-started/#fablabs-full>
- United Nations Volunteers. (2021). *Annual Report 2021*.
<https://www.unv.org/Annual-report/Annual-Report-2021>
- Universidade Federal de Santa Maria. (n.d.). *Legião Brasileira de Assistência (LBA). Acervo Arquivístico*.
<https://fonte.ufsm.br/index.php/legiao-brasileira-de-assistencia-lba>
- van der Have, R. P., & Rubalcaba, L. (2016). Social innovation research: an emerging area of innovation studies? *Research Policy*, 45(9), 1923–1935.
<https://doi.org/10.1016/j.respol.2016.06.010>
- Volunteer Toronto. (2021, 5 de julho). *Data Release: 74% of Canadians Volunteer Informally*.
<https://www.volunteertoronto.ca/news/572191/Data-Release-74-of-Canadians-Volunteer-Informally-.htm>
- Wu, J., Wing Lo, T., & Liu, E. S. C. (2009). Psychometric properties of the volunteer functions inventory with Chinese students. *Journal of Community Psychology*, 37(6), 769–780.
- Yazbek, M. C. (2002). Voluntariado e profissionalidade na intervenção social. *Revista de Políticas Públicas*, 6(2), 23–40.
<https://doi.org/10.34628/4NBZ-RV12>

ANEXOS

ANEXO I - Questionário

1. Sexo: () Masculino () Feminino () Pessoa não-binária

2. Idade _____

3. Qual seu estado civil?

- () Solteiro(a)
- () Mora com um(a) companheiro(a)
- () Casado(a)
- () Separado(a)/Divorciado(a)
- () Viúvo(a)

4. Qual sua escolaridade?

- () Ensino Fundamental incompleto
- () Ensino Fundamental completo
- () Ensino Médio incompleto
- () Ensino Médio completo
- () Ensino Superior incompleto
- () Ensino Superior completo

4. Você pratica alguma religião? Se sim, qual:

() Não () Sim _____

5. Você tem filhos? Se sim, quantos?

() Não () Sim _____

6. Em qual setor você trabalha?

- () Atualmente não exerço atividade remunerada
- () Saúde
- () Educação
- () Indústria
- () Varejo
- () Serviços
- () Outro. Qual?

7. Atualmente, qual o nível do seu cargo?

- () Atualmente não exerço atividade remunerada
- () Estagiário
- () Assistente
- () Analista
- () Coordenador
- () Gerente
- () Diretor/Head da área

Presidente/CEO

8. Qual sua renda familiar, referente ao último mês? (O salário mínimo atual é R\$1.212)

- Menos de um salário mínimo (até 1.212,00)
 Um a cinco salários mínimos (1.213,00 - 6.060,00)
 Cinco a dez salários mínimos (6.061,00 - 12.120,00)
 Mais de dez salários mínimos (mais de 12.120,00)

9. Você continua fazendo trabalho voluntário após o Agenda Saúde?

Se sim, quantas horas por semana você dedica para os trabalhos voluntários?

- Até 01 hora semanal
 02 - 04 horas semanais
 04 - 08 horas semanais
 Mais de 10 horas semanais

10. Você já realizava trabalho voluntário antes de participar do projeto Agenda Saúde?

Se sim, por quanto tempo você já se envolveu em atividades voluntárias antes?

- menos de seis meses
 de sete meses a um ano
 de um ano a dois anos
 de dois anos a cinco anos
 mais de cinco anos

Leia os itens a seguir com atenção. Para responder às perguntas, indique o número que representa melhor o grau de importância em relação ao seu trabalho voluntário.

O valor 1 significa "Totalmente sem importância" e o valor 7 "Totalmente importante".

O que interessa é a sua opinião sincera sobre os aspectos que você considera relevantes na realização do voluntariado

1	2	3	4	5	6	7	
Totalmente sem importância							Totalmente importante

1	As pessoas próximas de mim valorizam o trabalho voluntário.	1	2	3	4	5	6	7
2	Como voluntário eu aprendo coisas úteis para minha carreira.							
3	Como voluntário eu faço contatos para trabalhos remunerados.							
4	Eu aprendo com a carência (afetiva, financeira, psicológica, etc.) do outro.							
5	Eu me sinto ativo graças ao trabalho voluntário.							
6	Fazer algo de bom a outras pessoas é importante para mim.							

7	Gosto de ser prestativo para a sociedade.								
8	Meus amigos veem o voluntariado como algo importante.								
9	No voluntariado eu perco preconceitos.								
10	O trabalho voluntário diminuiu a minha culpa por ser mais afortunado que muitos.								
11	O trabalho voluntário é uma boa forma de fazer justiça.								
12	O trabalho voluntário funciona como uma porta para a minha carreira profissional.								
13	O trabalho voluntário me ajuda a entender os problemas da minha vida.								
14	O voluntariado auxilia na minha capacitação para um emprego.								
15	Por meio do voluntariado eu posso ajudar a melhorar o mundo.								
16	O voluntariado me ajuda a compreender como o mundo poderia ser melhor.								
17	O voluntariado me auxilia na resolução dos meus próprios problemas.								
18	O voluntariado me permite criar vínculos afetivos com outros voluntários.								
19	O voluntariado me permite fazer bons amigos.								
20	Participando do trabalho voluntário aprendo a lidar com situações diferentes.								
21	Trabalhar como voluntário (a) aumenta minha autoestima.								
22	Trabalhar voluntariamente aumenta minha autoconfiança.								
23	Trabalhar voluntariamente é uma forma de esquecer meus problemas.								
24	Trabalhar voluntariamente faz eu me sentir bem comigo.								

Muito obrigada pela sua participação!

ANEXO II - Roteiro de Entrevista

1. Como e em que contexto você começou a desenvolver trabalho voluntário?
2. Você foi inserido por alguém ou alguma instituição? (família, amigos, igreja..)
3. Como você soube do projeto Agenda Saúde?
4. Como/em que contexto de vida/porque começou a participar?
5. Qual foi o seu papel no projeto Agenda Saúde?
6. Você participa/participou de algum projeto de inovação social depois do Agenda Saúde?
7. A pandemia foi um fator importante na decisão para ser voluntário neste projeto?
8. Para você, o questionário preenchido antes, deu conta das motivações que levaram você a participar desse projeto?
9. Qual motivação você considera principal na sua decisão de participar no projeto durante a pandemia?
10. Participar do projeto Agenda Saúde melhorou suas habilidades/conhecimentos?
11. Participar do projeto Agenda Saúde influenciou a sua carreira? (Conseguiu uma promoção, mudou de carreira após..)
12. Você fez amigos, que ainda mantém contato, ao participar do projeto Agenda Saúde?
13. Após a sua participação no projeto Agenda Saúde, houve alguma alteração no seu envolvimento político / na sua participação social e política / participação cidadã?
14. Após a sua participação no projeto Agenda Saúde, houve alguma alteração na perspectiva política/definição partidária-ideológica?

ANEXO III - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TCLE - Termo de Consentimento livre e esclarecido para Participação em Pesquisa Clínica:

Nome _____ do
participante: _____
Endereço: _____

Telefone _____ para
contato: _____ Cidade: _____ CEP: _____
E-mail: _____

1. Título do Trabalho Experimental: A inovação social e as motivações de voluntários

2. Objetivo: Compreender as motivações de voluntários para desenvolverem projetos de inovação social durante a pandemia de Covid-19.

3. Justificativa: A inovação social é um dos caminhos possíveis para o enfrentamento às desigualdades de maneira mais justa e igualitária. É relevante compreender as motivações dos voluntários em projetos dessa natureza, para auxiliar instituições e programas a desenvolverem soluções que mantenham seus voluntários motivados.

4. Procedimentos da Fase Experimental:

Olá, você está sendo convidado a participar de pesquisa com o tema “A Inovação social e as motivações de voluntários”. Com o objetivo de compreender as motivações de voluntários para desenvolverem projetos de inovação social durante a pandemia de Covid-19.

A pesquisa será online, inicialmente com resposta de formulário eletrônico e posterior entrevista, também online. A duração do preenchimento do formulário será em média de 15 minutos e a entrevista cerca de 20 minutos.

Durante o procedimento de pesquisa, falaremos sobre a sua participação no projeto Agenda Saúde.

5. Desconforto ou Riscos Esperados: Os principais riscos de participar nesta pesquisa podem ser de constrangimento ao responder algumas das perguntas.

6. Medidas protetivas aos riscos: O questionário será realizado de maneira online, podendo ser realizado de qualquer lugar que o participante se sinta confortável.

7. Benefícios da Pesquisa: A participação nesta pesquisa não resultará em nenhum benefício ao participante.

8. Métodos Alternativos Existentes: Não se aplica.

9. Retirada do Consentimento: O participante pode retirar seu consentimento da pesquisa a qualquer tempo, sem nenhum prejuízo.

10. Garantia do Sigilo: É importante lembrar que os dados são anônimos e serão usados exclusivamente para produção de artigos acadêmicos e dissertação de mestrado da pesquisadora, podendo eventualmente fazer parte de apresentação em eventos acadêmico-científicos como seminários, simpósios, conferências, fóruns ou jornadas. As entrevistas serão gravadas, elas não serão compartilhadas nem acessadas por terceiros em nenhum momento. A gravação ficará armazenada, mesmo depois de finalizada a pesquisa, na conta da pesquisadora do Google Drive e no computador pessoal, meios que são protegidos por senha, sistema de antivírus e de uso exclusivamente pessoal. Estando sujeito às limitações ou riscos característicos do ambiente virtual e meios eletrônicos, em função das limitações das tecnologias utilizadas ou de eventuais problemas que possam acontecer com a empresa de tecnologia onde o conteúdo está armazenado.

11. Formas de Ressarcimento das Despesas decorrentes da Participação na Pesquisa: A participação desta pesquisa é feita de forma voluntária e não será realizada nenhuma forma de ressarcimento pela participação.

12. Local da Pesquisa: O local de pesquisa será através de formulário eletrônico e entrevista semi-estruturada online, realizada através da plataforma *Google Meet*.

13. Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos participantes de pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos (Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa envolvendo Seres Humanos – Res. CNS nº 466/12 e Res. CNS 510/2016). O Comitê de Ética é responsável pela avaliação e acompanhamento dos protocolos de pesquisa no que corresponde aos aspectos éticos. **Endereço do Comitê de Ética da Uninove: Rua. Vergueiro nº 235/249 – 12º andar – Liberdade – São Paulo – SP CEP. 01504-001. Telefone: 3385-9010. E-mail: comitedeetica@uninove.br**

Horários de atendimento do Comitê de Ética: segunda-feira a sexta-feira – Das 11h30 às 13h00 e das 15h30 às 19h00.

14. Eventuais intercorrências que vierem a surgir no decorrer da pesquisa poderão ser discutidas pelos meios próprios.

Joinville, de de

16. Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, após leitura e compreensão deste termo de informação e consentimento, entendo que minha

participação é voluntária, e que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confirmando que recebi uma via deste termo de consentimento, e autorizo a realização do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos somente neste estudo no meio científico.

Assinatura do Participante ou Representante Legal.

(Todas as folhas devem ser rubricadas pelo participante da pesquisa)